

# **FILIPENSES**

## **ÍNDICE**

### **PHILIPPIANS**

**WILLIAM BARCLAY**

**Título original em inglês:  
The Letter to the Philippians**

**Tradução: Carlos Biagini**

## **O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay**

... Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO  
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO  
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

---

**ÍNDICE****Prefácio****Introdução Geral****Introdução Geral às Cartas Paulinas****Introdução à Carta aos Filipenses****Capítulo 1****Capítulo 2****Capítulo 3****Capítulo 4****PREFÁCIO A FILIPENSES, COLOSSENSES, 1 E 2  
TESSALONICENSES**

Novamente queria agradecer ao Comitê de Publicações da Igreja de Escócia e especialmente a seu secretário e diretor o Rev. Andrew M'Cosh, M.A., S.T.M. e seu coordenador o Rev. W. M. Campbell, B.D., Ph.D., D. Litt, em primeiro lugar por me permitir escrever estes volumes de Estudos Bíblicos Diários, e em segundo termo porque agora farei a reimpressão como nova edição.

Este volume contém notas das Epístolas de Paulo aos Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses. Cada uma destas Cartas tem sua própria e especial importância.

A Epístola aos Filipenses foi chamada "a Epístola dos ensinamentos excelentes". Não é uma Carta difícil de entender e para muitos é a Carta mais encantadora e atrativa que Paulo jamais escreveu.

A Epístola aos Colossenses é ao mesmo tempo uma das mais eminentes e entre as mais difíceis que Paulo tratou. Em nenhuma parte alcança Paulo tal altura em seus escritos sobre a pessoa e a obra de Jesus. Aqui está o pensamento paulino a respeito de Jesus em sua grandeza maior.

A Primeira e Segunda Epístolas aos Tessalonicenses são, com a possível exceção da Epístola aos Gálatas, as primeiras Cartas de Paulo. Elas são de especial importância nas quais Paulo ensina a suas primeiras Igrejas, e em particular elas contêm alguns dos mais precisos ensinamentos da

Segunda Vinda. Aquele que estude estas quatro Cartas verá o pensamento de Paulo em vários de seus mais altos alcances e aspectos. Os comentaristas estiveram muito acertados na interpretação de todas estas Cartas.

Ninguém pode escrever sobre as Cartas aos Filipenses e Colossenses sem estar profundamente agradecido a grande tarefa de J. B. Lightfoot, cuja categoria de notável intérprete vê-se ao ter obtido um dos maiores Comentários nunca escritos. Constantemente segui os Comentários de C. J. Ellicott. O Comentário de M. R. Vincent em *The International Critical Commentary* é de fundamental importância a respeito da Epístola aos Filipenses. Tem muito de proveito no texto inglês da Carta o Comentário de H. G. C. Moule na antiga *Cambridge Bible for Schools and Colleges*, por J. H. Michael em el *Moffatt Commentary*, e os dois Comentários devocionais por H. G. C. Herklots e C. E. Simcox.

Na Epístola aos Colossenses o volume de C. F. O. Moule no novo *Cambridge Greek Testament* é inestimável, e o tomo no *Moffatt Commentary* por E. F. Scott mostra seu caráter proveitoso e lúcido.

No texto grego da Primeira e Segunda Tessalonicenses há dois grandes Comentários: o de G. Milligan, na Macmillan Series of Commentaries, e o de J. E. Frame no *International Critical Commentary*. Ambos alcançam categorias entre os maiores de todos os *English New Testament Commentaries*. No texto inglês o volume no *Torch Commentary* e o do *Moffatt Commentary* foram escritos por W. Neil, e são ambos os excelentes, e o volume por Lion Morris no *Tyndale Commentary* é também proveitoso e iluminador.

A tradução neste volume não apresenta nada especialmente meritório; foi originalmente produzida numa ordem tal que o leitor pudesse ter uma tradução e comentário num volume de bolso. Sempre tive a meu lado as traduções de Moffatt e de Weymouth, e a de J. B. Phillips. Deste modo freqüentei o pouco usado livro de *The New*

*Testament in Plain English* de Charles Kingsley Williams, que sempre achei preciso e notavelmente iluminado.

Assim como nos anteriores volumes, dou à circulação este com a oração de que possa servir ao leitor moderno para captar um Novo Testamento realmente vivo.

*William Barclay.*

Trinity College,  
Glasgow,  
março de 1959.

## INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não

especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

## INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

### As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

### A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que

compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo freqüentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

### **As cartas antigas**

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas.

Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que. tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho do Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

### **A situação imediata**

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não



presentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

### **A palavra falada**

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos

acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

## INTRODUÇÃO À CARTA AOS FILIPENSES

No estudo de Filipenses temos a sorte de não tropeçar virtualmente com problemas de ordem crítica; nenhum crítico responsável pelo Novo Testamento nunca duvidou da autenticidade desta Carta. Sem discussão e sem a fadiga de buscar provas podemos considerar Filipenses como uma autêntica e genuína carta de Paulo.

### Filipos

Quando Paulo escolhia um lugar para a pregação do Evangelho o fazia sempre com o olho do estrategista. Não só escolhia um centro importante em si, mas também cuidava para que fosse um ponto chave para toda uma região. Advertiu-se com freqüência que muitos dos lugares escolhidos naquela época por Paulo para a pregação são ainda grandes nós de caminhos e pontos de junção ferroviária. Tal era Filipos. Filipos possuía preeminência ao menos por três razões:

(1) Nos arredores existiam minas de ouro e prata exploradas da antiga época dos fenícios. Ainda que em tempos do cristianismo estas minas estavam já exaustas, entretanto tinham feito de Filipos o grande centro comercial do mundo antigo.

(2) A cidade tinha sido fundada por Filipe o pai de Alexandre Magno. Por isso leva seu nome. Filipos foi fundada num lugar chamado *Krenides*, nome que significa "Os Poços" ou "As Fontes". *Krenides* era uma cidade muito antiga. Filipe fundou a cidade que leva seu nome por uma razão muito particular. Em toda a Europa não existia um lugar mais estratégico. Há aqui uma cadeia montanhosa que divide a Europa da Ásia, o Oriente do Ocidente. Justamente em Filipos esta cadeia desce

formando um passo; portanto Filipos domina a rota da Ásia a Europa que necessariamente deve atravessar esse passo. Por este motivo em 368 A. C. Filipe fundou a cidade que leva seu nome, para dominar a rota do Oriente ao Ocidente. Também por esta razão, muito mais tarde uma das grandes batalha decisivas da história se travou em Filipos; porque ali foi onde Antônio derrotou a Bruto e Casio decidindo assim o futuro do Império romano.

(3) Pouco tempo depois, Filipos alcançou a dignidade de colônia romana. Estas colônias eram instituições admiráveis. Não eram colônias no sentido de avançadas da civilização em regiões inexploradas do mundo. As colônias começaram a ter importância militar. Roma tinha o costume de enviar grupos de soldados veteranos que tinham completo seu período e castigo à cidadania; estes eram levados a centros estratégicos de caminhos. Ordinariamente os grupos constavam de trezentos veteranos, com suas mulheres e filhos. Estas colônias eram os pontos focais dos caminhos do grande Império. Os caminhos tinham sido traçados de tal maneira que podiam ser enviados reforços com toda rapidez de uma colônia a outra, as quais se estabeleciam para proteger a paz e dominar os centros estratégicos mais afastados do vasto Império romano. Em princípio só existiam na Itália; mas logo se disseminaram através de todo o Império que crescia rapidamente. Vemos porque a primeira importância das colônias foi militar; mais tarde o governo romano dava o título de colônia a toda cidade que queria honrar ou recompensar por seu fiel serviço.

Estas colônias tinham uma grande característica própria. Onde quer que existiam, construía pequenos fragmentos de Roma, e a nota dominante era o orgulho de sua cidadania romana. Falava-se o idioma de Roma; usavam-se vestimentas romanas; observavam-se costumes romanas; seus magistrados tinham títulos romanos e observavam as mesmas cerimônias que em Roma. Onde quer que estivessem, as colônias eram obrigada e inalteravelmente romanas. Jamais se imaginaria assimilarem o povo em que viviam. Eram parte de Roma,

miniaturas da cidade de Roma, e não o esqueciam jamais. Podemos perceber o orgulho romano através da acusação contra Paulo e Silas em Atos 16:20-21: “Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade, propagando costumes que não podemos receber, nem praticar, *porque somos romanos*”. “A nossa pátria está nos céus”, escrevia Paulo à Igreja filipense (3:20). Assim como o romano da colônia não se esquecia nunca qualquer que fosse o meio em que se encontrasse, de que era romano, tampouco eles têm que esquecer, em nenhuma sociedade, que são cristãos. Em nenhuma parte se vivia mais o orgulho de ser cidadão romano que nestas colônias. Uma colônia deste tipo era Filipos.

### Paulo e Filipos

Em sua segunda viagem missionária, cerca de 52 de nossa era, Paulo chegou a Filipos pela primeira vez. Tendo urgência pela visão do macedônio que lhe suplicava ir em seu ajuda, Paulo embarcou da Troas alexandrina da Ásia Menor, desembarcou no porto do Neápolis, na Europa e daí seguiu o caminho para Filipos.

O relato da estada de Paulo em Filipos encontra-se em Atos 16; é uma história interessante. Nenhum capítulo do Novo Testamento mostra melhor a universalidade do chamado de Cristo. A narração se centra em torno de três personagens: Lídia, a vendedora de púrpura; a jovem escrava demente usada por seus donos com fins de lucro; e o carcereiro romano. Estamos diante de um período extraordinário da vida antiga. Os três personagens são de diferente nacionalidade. Lídia era *asiática*; não é necessário que estejamos diante de um nome próprio, mas sim simplesmente diante do qualificativo "a senhora da cidade Lídia". A jovem escrava era *grega*. O carcereiro era cidadão *romano*.

Todo o império estava reunindo na Igreja cristã. Mas não só estamos perante três diferentes nacionalidades, mas também perante três estratos muito diferentes da sociedade. Lídia era uma comerciante de púrpura, uma das mercadorias mais custosas no mundo antigo; e ela

equivalia a um *príncipe mercador*. A jovem *escrava*, perante a lei não era uma pessoa, mas sim uma ferramenta viva. O *carcereiro* era um cidadão romano, um membro da forte *classe média* romana que se ocupava dos serviços civis. Nestes três estavam representados a classe mais alta, a classe baixa e a classe média da sociedade. Não há outro capítulo na Bíblia que mostre tão bem o caráter universal da fé que Jesus trouxe para os homens.

### **A perseguição**

Paulo teve que deixar Filipos depois de desatar-se a tormenta da perseguição que o reduziu a uma prisão ilegal. Esta perseguição foi herdada pela Igreja de Filipos. O apóstolo conta que tinham participado de suas prisões e em sua defesa do evangelho (1:7); que não temam a seus inimigos porque estão passando pelo que ele mesmo passou e suporta no presente (1:28-30).

### **A verdadeira amizade**

Paulo teve uma amizade muito mais estreita com a Igreja de Filipos que com qualquer outra. Era para ele um orgulho e uma glória não ter recebido nunca nada de ninguém nem de Igreja alguma e ter satisfeito suas necessidades com o trabalho de suas mãos. Só consentiu em aceitar um presente dos filipenses. Imediatamente depois de ter deixado Filipos partindo para Tessalônica aqueles lhe enviaram um presente (4:16). Quando chegou a Corinto, passando por Atenas, só os filipenses se lembraram dele com seus presentes (2 Coríntios 11:9). “Meus irmãos, amados e mui saudosos — lhes diz — “minha alegria e coroa” (4:1). Paulo estava *mais* estreitamente ligado à Igreja de Filipos que a qualquer outra Igreja.

---

**Ocasão em que se escreveu a Carta**

Quando Paulo escreveu esta Carta encontrava-se preso em Roma e a escreveu com certos propósitos bem definidos.

(1) Sua Carta é de agradecimento. Os anos tinham passado; agora estava em 63 ou 64. Na época tinha recebido um presente dos filipenses (4:10-11).

(2) A Carta tem que ver com Epafrodito. Parece que os filipenses tinham enviado a Epafrodito não só como portador de seus dons mas também para que fosse assistente de Paulo e seu servidor pessoal. Mas Epafrodito havia caído doente. Sentia nostalgia e se preocupava porque sabia que os seus se preocupavam com ele. Nestas circunstâncias Paulo o mandou de volta. Mas teve o sombrio pressentimento de que os de Filipos o considerariam algo assim como um desertor; por isso se separa de seu tema para dar um testemunho dele: “Recebei-o, pois, no Senhor, com toda a alegria, e honrai sempre a homens como esse; visto que, por causa da obra de Cristo, chegou ele às portas da morte” (2:29-30). Há algo muito comovedor nesta apreciação de Paulo: ele mesmo está na prisão e à espera da morte mas apesar de tudo tenta que as coisas resultem mas fáceis a Epafrodito que, inesperada e involuntariamente, está obrigado a voltar para casa. Aqui estamos no mesmo topo da cortesia cristã.

(3) A Carta serve de alento aos filipenses que no presente passam por tribulações (1:28-30).

(4) A Carta é um chamado à unidade. Isto é o que origina a grande passagem que fala da humildade desinteressada de Cristo (2:1-11). Na Igreja de Filipos havia duas mulheres que estavam em litígio e ameaçavam a paz (4:2); havia falsos mestres que tentavam desviar os filipenses do verdadeiro atalho (3:2); a Carta é uma apelo para manter a unidade na Igreja.

## O problema

É justamente aqui onde surge o problema da Carta. Em 3:2 há um corte inusitado. Até 3:1 tudo é serenidade; a Carta parece aproximar-se tranqüilamente do seu fim; então, e sem nenhuma advertência, vem o estalo; “Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão!” Não há aqui nenhuma conexão com o que precede. Esta severa admoestação se introduz intempestivamente. Além disso, 3:1 tem o tom de uma conclusão. “Finalmente, meus irmãos, alegrem-se no Senhor!” (NVI). Mas havendo dito *finalmente* começa de novo! Entretanto não estamos em face de um fenômeno desconhecido na pregação. Como resultado deste corte vários investigadores pensam que Filipenses, assim como está, não é uma só carta mas sim duas que foram unidas. Consideram 3:2-4:3 como uma carta de agradecimento e admoestação enviada imediatamente depois da chegada do Epafrodito a Roma e 1:1-3:1 e 4:4-4:23 como outra escrita muito depois e enviada por intermédio de Epafrodito quando precisou voltar para casa. Isto é perfeitamente plausível. Sabemos quase com certeza que efetivamente Paulo escreveu mais de uma carta a Filipos pelo testemunho do Policarpo que em sua Carta a Igreja de Filipos diz o seguinte: “Quando esteve ausente lhes escreveu *cartas*”.

## A explicação

No entanto, parece que não existe nenhuma boa razão para dividir esta Carta em dois. O imprevisto corte entre 3:1 e 3:2 pode explicar-se por duas razões.

(1) Enquanto Paulo escrevia chegaram novas notícias sobre os problemas em Filipos; foi então que interrompeu a seqüência de seus pensamentos para tratar diretamente dos novos assuntos.

(2) Mas com segurança a explicação mais simples é a seguinte. Filipenses é uma carta pessoal; uma carta pessoal jamais se ordena estrita

e logicamente como um tratado. Em cartas dessa natureza as coisas se narram tal como se apresentam na mente; conversa-se com os amigos através do papel e uma associação de idéias que pode ser suficientemente clara para eles não resulta óbvia para qualquer outro. A explicação mais simples é que Paulo escreveu uma carta pessoal; a imprevista mudança de tema é o que justamente pode ocorrer em cartas deste tipo.

## Uma carta encantadora

Para muitos autores, Filipenses é a carta mais encantadora que Paulo tenha escrito jamais. Foi chamado de duas maneiras: *A epístola das coisas excelentes* — como efetivamente o é — ou *A epístola da alegria*. Escreve “Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos.” Várias vezes aparecem as palavras *alegria* e *regozijo*. Enquanto está na prisão dirige os corações de seus amigos — e nossos corações — a uma alegria da qual ninguém pode nos privar.

## Filipenses 1

De amigo para amigos - 1:1-2

A distinção cristã - 1:1-2 (cont.)

A saudação de Paulo - 1:1-2 (cont.)

As características da vida cristã

(1) A alegria cristã - 1:3-11

(2) O sacrifício cristão - 1:3-11 (cont.)

(3) A comunidade cristã - 1:3-11 (cont.)

(4) O progresso cristão e a meta cristã - 1:3-11 (cont.)

A prisão destrói barreiras - 1:12-14

A proclamação mais importante - 1:15-18

O final feliz - 1:19-20

Na vida e na morte - 1:21-26

Cidadãos do reino - 1:27-30



---

**DE AMIGO PARA AMIGOS****Filipenses 1:1-2**

A frase introdutória marca o tom de toda a Carta. Tem as notas características das cartas que um amigo dirige a seus amigos. Com exceção da Carta aos Tessalonicenses e da breve nota pessoal a Filemom, Paulo começa sempre pondo clara sua condição de apóstolo. Por exemplo em Romanos começa assim: “Paulo, servo de Jesus Cristo, *chamado para ser apóstolo*” (cf. 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Colossenses 1:1). E assim em todas as demais Cartas começa afirmando sua posição oficial, que dá razão do direito que tem de escrever e do dever do destinatário de escutar. Sempre apresenta primeiro suas credenciais. Mas não assim quando escreve aos filipenses. Não há necessidade. Não precisa especificar sua autoridade nem exigir atenção; sabe que será ouvido com todo afeto. De todas as Igrejas a de Filipos era a que Paulo se sentia mais ligado. E por isso escreve não como um apóstolo aos membros da Igreja, mas sim como um amigo a seus amigos.

Mas apesar disto Paulo reclama um título: é o servo (*doulos*) de Cristo. *Doulos* é mais que *servo*; significa *escravo*. Um servo tem a liberdade de ir e vir, de ligar-se a outro amo; mas um escravo é possessão de seu senhor para sempre.

Quando Paulo se chama escravo de Jesus Cristo o faz por três motivos.

(1) Deixa situado que é possessão absoluta de Cristo. Cristo o amou e o comprou mediante um preço (1 Coríntios 6:20); já não pode pertencer a ninguém mais que a Cristo.

(2) Deixa claro que se deve a Cristo com uma obediência absoluta. O escravo não tem vontade própria; sua vontade é a do senhor; as decisões do senhor são as que regem sua vida. Paulo não tem outra vontade a não ser a de Cristo e não obedece a ninguém a não ser a seu Salvador e Senhor.

(3) Mas ainda há algo mais. No Antigo Testamento o título comum dos profetas é *servo de Deus* (Amós 3:7; Jeremias 7:25). Este é o título que foi dado a Moisés, a Josué e Davi (Josué 1:2; Juízes 2:8; Salmo 78:70; 89:3.10). Em realidade, o mais elevado de todos os títulos honoríficos é o de *servo de Deus*. Quando Paulo o adota se coloca humildemente na mesma linha dos profetas e dos grandes homens de Deus. A escravidão cristã não é uma sujeição rasteira e abjeta mas sim, como diz o lema cristão: Ser seu escravo é ser um rei. Ser escravo de Cristo é o caminho à liberdade perfeita.

## A DISTINÇÃO CRISTÃ

### Filipenses 1:1-2 (continuação)

A Carta dirige-se a *todos os santos em Cristo Jesus*. A palavra que corresponde à tradução *santos* é *hagios*. *Santo* é uma tradução errada. Para os ouvidos modernos a palavra descreve uma piedade quase extra mundana; relaciona-se mais com esplêndidos vitrais que com o mercado. Embora seja fácil captar o significado do termo *santo*, sua tradução fica difícil. A palavra grega *hagios* e seu equivalente hebreu *kadosh* se traduzem muito freqüentemente por santo. Para a mentalidade hebréia, se algo se descrever como *santo*, fundamentalmente significa que é *diferente* de outras coisas; algo que em certo sentido é *afastado* do resto.

Para captar melhor o sentido vejamos qual é o uso que faz do termo o Antigo Testamento. Nas prescrições particulares com respeito ao sacerdócio diz-se: "*Santos* serão a seu Deus" (Levítico 21:6). Os sacerdotes devem ser *diferentes* de outros homens porque estão separados para um trabalho ou função diferente e especial. O dízimo era a décima parte do produto que devia ser separado para Deus. Estava prescrito: "O dízimo deve ser santo para o Senhor porque é do Senhor" (Levítico 27:30,32). O dízimo era *diferente* e se usava com uma finalidade diferente; as demais coisas podiam ser usadas como alimento. A parte central do templo era o *lugar santo* (Êxodo 26:33). Isto significa

que era *diferente* de outros lugares e de outros edifícios. A palavra usa-se particularmente referindo-se à nação judia. Os judeus são uma *nação santa* (Êxodo 19:6). São *santos* para o Senhor; Deus os separou dentre as demais nações para que fossem dEle (Levítico 20:26) dentre todas as nações da face da Terra Deus estabeleceu com eles uma relação particular (Amós 2:2). Os judeus eram diferentes de todas as demais nações porque tinham um lugar especial no plano, no esquema e no propósito de Deus.

Mas os judeus renunciaram desempenhar na vida e na história o papel que Deus lhes tinha atribuído. Quando o Filho de Deus veio ao mundo se negaram a reconhecê-lo, rechaçaram-no e o crucificaram. Israel perdeu seus privilégios e responsabilidades, os quais passaram à Igreja que se converteu no novo e verdadeiro Israel, o verdadeiro povo de Deus. Por esta razão assim como os judeus tinham sido uma vez *hagios, santos, diferentes*, agora os cristãos devem ser *hagios*; são os santos, os diferentes. Paulo antes de tornar-se cristão foi um notável perseguidor dos *santos*, os *hagioi* (Atos 9:13). Pedro ia visitar os *santos*: os *hagioi* de Lida (Atos 9:32).

Dizer que os cristãos são santos significa, portanto, que são *diferentes* de outras pessoas. Mas no que radica essa diferença?

Paulo dirige-se a seu povo como aos santos *em Cristo Jesus*. Ninguém que leia as Cartas de Paulo passará por alto a frequência das frases *em Cristo, em Cristo Jesus, no Senhor*. *Em Cristo Jesus* aparece 48 vezes, *em Cristo*, 34, e *no Senhor*, 50. Evidentemente estar *em Cristo* constituía para Paulo a própria essência do cristianismo.

Que alcance tem esta expressão? Marvin R. Vincent diz que quando Paulo fala de que o cristão está em Cristo, quer dizer que vive em Cristo como o pássaro no ar, o peixe na água, as raízes de uma árvore na terra. Estar *em Cristo* é viver continuamente na atmosfera e no espírito de Cristo; é viver num mundo em que cada coisa nos fala dEle; é viver uma vida na qual nunca nos sentimos separados dEle nem por um só momento e onde sempre nos sentimos rodeados e favorecidos por sua

presença, por sua força e seu poder. O cristão é diferente porque sempre e em todas partes é consciente da presença de Cristo que o circunda.

Assim, pois, quando Paulo fala dos *santos em Cristo Jesus* pensa nos que são diferentes de outros e estão consagrados a Deus por sua especial relação com Jesus Cristo. E isto é possível para todo cristão; e o que todo cristão deveria ser.

## A SAUDAÇÃO DE PAULO

### Filipenses 1:1-2 (continuação)

A saudação de Paulo a seus amigos é: Graça e paz a vós de parte de Deus Pai e de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 2:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:2; Filemom 3).

Quando Paulo adota e une estes dois grandes termos *graça e paz* (*caris e eirene*) realiza uma síntese maravilhosa. Toma as saudações de duas grandes nações e os refunde em uma. *Caris* é a saudação normal grega, com o qual começavam todas as cartas. *Eirene* é a saudação normal hebraica – a expressão com que se saudavam os judeus ao encontrar-se. Cada uma destas palavras tem seu próprio sabor, e cada uma faz-se mais intensa, mais profunda e imensamente preciosa pelo novo significado que o cristianismo lhe confere.

*Caris* é uma bela palavra; inclui as idéias básicas de alegria e regozijo, de brilho e beleza. É uma das acepções de nossa palavra *graça*, *encanto*. Jesus adicionou uma nova beleza a que já existia e esta beleza nasce da nova relação de *graça* com Deus. A vida com Cristo torna-se encantadora porque o homem já não é vítima da Lei de Deus, mas sim filho de seu amor. Com Cristo tem lugar o encanto supremo do descobrimento de Deus Pai.

*Eirene* é uma palavra de enorme alcance. Traduzimo-la por *paz*, mas nunca significa uma paz negativa; nunca implica a simples ausência

de dificuldades. Significa bem-estar total, algo que faz ao bem supremo do homem.

Poderíamos conectá-la com a palavra grega *eirein* que significa *unir, tecer, congregar*. E esta paz sempre tem que ver com as relações pessoais: a relação da pessoa consigo mesmo; a relação com o próximo e a relação com Deus. É sempre, como se tem dito, a paz nascida da reconciliação.

Assim, pois, quando Paulo implora graça e paz para seu povo quer que cheguem a desfrutar a alegria do conhecimento de Deus Pai e a paz da reconciliação com Deus, com os homens e com eles mesmos, e esta graça e esta paz só podem provir de Jesus Cristo.

## AS CARACTERÍSTICAS DA VIDA CRISTÃ

### (1) A ALEGRIA CRISTÃ

#### **Filipenses 1:3-11**

É bonito quando, como o expressa Ellicott, a lembrança se liga à gratidão. É algo grande quando não temos senão lembranças felizes de todas nossas relações pessoais e assim se sentia Paulo com respeito aos cristãos de Filipos. A lembrança não trazia coisas lamentáveis, mas sim só felicidade.

Nesta passagem se dão os verdadeiros sinais da vida cristã.

A *alegria cristã*. Rabio ora com alegria por seus amigos. A Carta aos Filipenses foi chamada a "Epístola da alegria". Bengel em seu latim aforístico comentava: "*Summa epistolae gaudeo-gaudete*". Toda a epístola está em *eu me alegro, alegrai-vos*". Contemplemos o quadro que esta Carta nos pinta sobre a alegria cristã.

(1) Nesta passagem (1:4) está a alegria da *oração cristã*: a alegria de levar os que amamos e os que nos são queridos perante a misericórdia de Deus.

George Reindrop nos conta em seu livro *No Common Task* como uma enfermeira ensinou a orar a um doente e ao fazê-lo mudou todo o esquema de sua vida fazendo de uma criatura torpe, desgostada e desanimada um homem cheio de alegria. As mãos da enfermeira lhe serviam para trabalhar, mas também lhe serviam como esquema de oração. Cada um de seus dedos representava a alguém. O polegar, que estava mais próximo, a ela lembrava que devia orar pelas pessoas mais próximas, íntimas e queridas. O índice que se usa para assinalar representava os que nos ensinam e nos assinalam quando nos interrogam. Portanto o índice lembrava a todos seus professores da escola e o hospital. O dedo do meio que é o mais alto representava a todas as pessoas destacadas em todas as esferas da vida e em todos os partidos. O anular que é o dedo mais fraco, como sabe todo pianista, representava aos fracos, afligidos e angustiados. O mindinho é o dedo mais pequeno e menos importante: a enfermeira via-se representada nele.

Realmente um belo esquema de oração. Sempre tem que ser causa de profunda alegria e paz o poder levar perante Deus em nossas orações a nossos próximos e a todos os homens do mundo.

(2) Há a alegria de que *Jesus Cristo seja pregado* (1:18). Quando um homem desfruta de uma grande bênção, seu primeiro impulso deve ser compartilhá-la. Há alegria ao pensar que o evangelho é pregado por todo mundo e que um e outro e outro são ganhos pelo amor de Cristo.

(3) Há a alegria da *fé* (1:25). Se o cristianismo não for capaz de fazer feliz a um homem, não há nada que possa fazê-lo. Há certo tipo de cristianismo que é sempre torturado e agonizante. Disse o salmista: "Os que olharam a ele foram iluminados". Quando Moisés desceu do topo do monte seu rosto resplandecia. O cristianismo é a fé do coração feliz e a face radiante.

(4) Há a alegria de ver *unidos os cristãos* (2:2). Como cantou o salmista (Salmo 133:1): "Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!". Não há paz para ninguém quando as relações humanas se rompem e o homem está em litígio com o homem. Não há nada mais

bonito que uma família intimamente unida pelo amor e uma Igreja cujos membros vivem unidos porque são um em Cristo Jesus seu Senhor. Somente em Cristo pode viver-se o encanto de uma perfeita relação humana.

(5) Há a alegria do *sofrimento por Cristo* (2:17). No momento de ser martirizado pelo fogo Policarpo orou dizendo: "Dou-te graças, Pai, porque me julgaste digno desta hora". Sofrer por Cristo é um privilégio porque é uma oportunidade de demonstrar sem equívocos como vivemos nossa lealdade e de participar efetivamente na construção do reino de Deus.

(6) Há a alegria do *encontro com a pessoa amada* (2:28). A vida está cheia de separações e sempre há alegria quando temos notícias de pessoas que amamos e das que estamos separados por algum tempo. Um grande pregador escocês falava uma vez da grande alegria que cada um podia brindar com um selo postal. Vale a pena lembrar que podemos alegrar facilmente àqueles que nos amam, mantendo-nos em contato com eles; em caso contrário podemos causar-lhes preocupação.

(7) Há a alegria da *hospitalidade cristã* (2:29). Há lares de portas fechadas e lares de portas abertas. A porta fechada é a do egoísmo não cristão; a aberta, a das boas-vindas e do amor cristão. É maravilhoso ter uma porta da qual o estranho e o aflito sabem que nunca serão rechaçados.

(8) Há a alegria *do homem em Cristo* (3:1; 4:1). Já vimos que estar em Cristo é viver em sua presença como o pássaro no ar, como o peixe na água e as raízes da árvore na terra. Pertence à condição humana sentir uma profunda felicidade no encontro com as pessoas que amamos; e Cristo é aquele que ama e o amado de quem nada no tempo e na eternidade pode nos separar.

(9) Há a alegria daquele que *ganhou uma alma para Cristo* (4:1). Os filipenses são a alegria e coroa de Paulo porque ele foi o meio para levá-los a Jesus Cristo. É a alegria que possuem os pais, os professores, os pregadores, de levar o amor de Jesus Cristo a outros, especialmente

aos meninos. Certamente aquele que desfruta um grande privilégio não pode ficar satisfeito sem participá-lo a seus familiares e amigos. Para o cristão a evangelização não é um dever, é uma alegria.

(10) Há a alegria *no dom* (4:10) que não consiste tanto no dom em si quanto em ter sido lembrados; em comprovar que alguém se preocupa e não nos esquece. Não é o valor do dom o que nos interessa, é o próprio dom. Esta é uma alegria que podemos oferecer a outros com muita maior freqüência do que o fazemos.

## (2) O SACRIFÍCIO CRISTÃO

### **Filipenses 1:3-11 (continuação)**

No versículo 6 Paulo diz que confia em que Deus, que começou a boa obra nos filipenses, continue-a e a complete de tal maneira que estejam preparados para o dia de Cristo. Há aqui na linguagem grega uma figura que não é possível reproduzir na tradução. O problema está nas palavras que Paulo usa para *começar* (*enarquesthai*) e para *completar* (*epitelein*); ambos são termos técnicos para indicar o começo e o final de um sacrifício.

No sacrifício grego havia um rito inicial. Acendia-se uma tocha sobre o altar que era submersa chamejante numa fonte de água. Desta maneira a chama sagrada purificava a água e a água purificada era aspergida sobre o povo e sobre a vítima para fazê-los santos e puros. Então se continuava com o que se conhecia como *eufemia*: o silêncio sagrado em que o adorador orava a seu deus. Finalmente se trazia uma cesta de cevada; alguns grãos eram esparramados sobre a vítima e sobre o piso a seu redor. Isto era levado a cabo no começo do sacrifício. O termo técnico para esta realização era o verbo *enarquesthai* que Paulo usa aqui. O verbo usual para completar o ritual do sacrifício e realizar um serviço com toda perfeição e em seus detalhes mais mínimos era *epitelein*. Também Paulo o usa aqui para *completar*. Toda a frase que



Paulo redige se move na atmosfera do sacrifício; as palavras e as imagens são sacrificiais.

Assim, pois, Paulo considera a vida de cada cristão como um sacrifício preparado para oferecer-se a Jesus Cristo. É a mesma imagem que encontramos em Romanos onde diz-se que os fiéis ofereçam seus corpos como um sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus (Romanos 12:1).

A vinda de Cristo será semelhante a de um rei. Em tal ocasião os súditos de um rei se sentem obrigados a apresentar-lhe oferendas como objeto de lealdade e amor. O único dom que Jesus Cristo deseja de nós está em nós mesmos e em nossas vidas. Deste modo a tarefa suprema da vida não é outra coisa senão dispor de nossa vida para oferecê-la a Jesus Cristo. Somente a graça de Deus nos dá esta capacidade. Desde o momento em que empreendemos o caminho cristão a graça de Deus começa também a nos dispor como um sacrifício perfeito que se oferece a Jesus Cristo. E se continuamos permitindo que sua graça trabalhe em nós, esta graça completará sua obra para que cheguemos a ser o sacrifício perfeito.

### (3) A COMUNIDADE CRISTÃ

#### **Filipenses 1:3-11 (continuação)**

Nesta passagem se sublinha com ênfase o pensamento da *comunidade cristã*.

Há certas coisas das que os cristãos participam, em sociedade e em comunidade.

(1) Os cristãos participam *da graça*. Todos têm sua parte no dom comum da graça de Deus; são pessoas reunidas entre si porque têm uma dívida comum com a bondade e a graça divinas.

(2) Os cristãos são *participantes na obra do evangelho*. Não só participam de um dom, mas também de uma tarefa que é a promoção do evangelho. Paulo usa duas palavras para expressar a dos cristãos por

causa do evangelho: fala da *defesa* e da *confirmação* do evangelho. A defesa (*apologia*) do evangelho refere-se aos ataques que vêm de fora: os argumentos e os assaltos dos inimigos do cristianismo. O cristão deve estar disposto a ser um defensor da fé e a dar razões da esperança que possui. A confirmação (*bebaiosis*) do evangelho consiste na edificação que se opera por sua força e de dentro ao constituir os cristãos na fé e formá-los dentro da Igreja. O cristão deve promover o evangelho, defendendo-o contra os ataques de seus inimigos, e edificando e fortificando a fé e a devoção dos amigos.

(3) Os cristãos *participam dos sofrimentos pelo evangelho*. Os filipenses tinham parte na prisão de Paulo. Quando quer que o cristão seja chamado a padecer pelo evangelho, deverá encontrar fortaleza e folga ao lembrar que não sofre sozinho, mas sim é um de uma grande companhia de seguidores que em toda época, geração e país sofreram por Cristo antes que negar sua fé.

(4) Os cristãos são *partícipes com Cristo*. No versículo 8 Paulo usa uma expressão muito gráfica: "Eu os amo com o íntimo amor de Jesus Cristo". A palavra grega para vísceras é *splagcna*. Os *splagcna* são os intestinos superiores, o coração, o fígado e os pulmões. Os gregos colocavam aqui o centro das emoções e dos afetos. De modo que o que Paulo diz, é o seguinte: "Suspiro por vós com a mesma compaixão de Jesus Cristo. Eu os amo como Jesus os ama". O amor que Paulo sente para com seus amigos cristãos não é outro senão próprio amor de Cristo.

J. B. Lightfoot escrevendo sobre esta passagem diz: "O crente não tem outros desejos senão os de seu Senhor; seu pulso pulsa com o pulso de Cristo; seu coração palpita com o coração de Cristo". Quando somos efetivamente um com Cristo, seu amor passa por nós a nossos semelhantes, os homens aos quais ele ama e por aqueles que morreu. O cristão faz-se nada menos que partícipe no amor de Cristo.

---

**(4) O PROGRESSO CRISTÃO E A META CRISTÃ****Filipenses 1:3-11 (continuação)**

Na oração por seus fiéis Paulo pede que o amor deles cresça cada dia (versículos 9 e 10). E esse amor não é um mero sentimento. É um amor que tem que crescer de contínuo em conhecimento e em percepção sensível, para que sejam cada vez mais capazes de distinguir entre o bem e o mal. O amor é sempre o caminho ao conhecimento. Se amamos algo desejamos saber cada vez mais disso; se amamos uma pessoa queremos saber cada vez mais dela; se amamos a Jesus cada dia desejamos aprender mais dEle e de sua verdade. O amor é sempre sensível à mente e ao coração da pessoa amada. Se o amor ferir torpemente e cega os sentimentos da pessoa que se pretende amar, de maneira nenhuma é amor. Se realmente amarmos a Jesus seremos dóceis à sua vontade e aos seus desejos; quanto mais o amemos mais sensível se tornará nossa consciência; quanto mais se apartará instintivamente do mal e desejará o bem. O verdadeiro amor conduz a um conhecimento e a uma obediência que crescem diariamente. A palavra que Paulo usa para *provar* as coisas diferentes é *dokimazein*, que é o termo para provar o metal ou a moeda, para verificar que o metal seja genuíno, puro e sem mescla nem falsificação. O amor verdadeiro não é cego, mas sim sempre capacita para perceber melhor a diferença entre o verdadeiro e o falso.

Assim, pois, o cristão será "sincero e irrepreensível"; se fará puro e não será causa de tropeço para outros. É interessante deter-se no termo que se usa para puro (*eilikrines*). Os próprios gregos não estavam seguros de sua derivação. Sugerem-se duas possíveis, as quais oferecem um significado muito gráfico. Pode provir de *eile* que significa *luz solar* e de *krinein* que significa *julgar*. A combinação descreveria o que é capaz de passar à prova da luz solar; o que pode ser exposto ao Sol, mantido alto à luz solar, sem que apareça falta alguma. Se este for o significado da palavra, significa que a têmpera cristã pode sair graciosa de qualquer luz que o ilumine. Mas *eilikrines* pode derivar-se de *eilein*

que significa girar rapidamente como quando se move o peneira para tirar toda a impureza. Se este for o significado, então quer dizer que o cristão de têmpera está purificado e peneirado de todo mal de maneira que se encontra absolutamente limpo. Mas o cristão não só é puro, mas também *aproskopos*, quer dizer, jamais se converte em causa de tropeço para outrem. Há pessoas irreprocháveis em si mesmos, mas tão duras, ásperas e austeras que acabam por afugentar a outros do cristianismo. Há pessoas que são boas mas visto que estão sempre numa posição de crítica aos outros acabam por afastar a outros do bem. O cristão é em si mesmo puro, mas com um amor e uma bondade de tal índole que atrai a outros à vida cristã e jamais causa repulsão.

Finalmente Paulo estabelece a meta cristã: viver uma vida que redunde em glória e louvor a Deus. O cristão não é bom porque pretenda ganhar louvor, crédito, honra, prestígio para si mesmo, senão para Deus. O cristão jamais se destaca a si mesmo, mas sim a Deus, porque sabe e dá testemunho de que é o que é, não por seu próprio esforço pessoal, mas sim só pela graça de Deus.

## A PRISÃO DESTRÓI BARREIRAS

### Filipenses 1:12-14

Paulo estava preso. Isto podia significar de fato o fim de sua atividade missionária. Mas apesar de ter ido parar na prisão, esta circunstância contribuiu efetivamente a que difundisse a missão tanto por si mesmo como pelos outros. Estamos em realidade perante um caso em que as ataduras vencem as barreiras. A palavra que Paulo usa para o *progresso* e a *promoção* do evangelho é muito expressiva, *prokope*. Este termo usa-se particularmente para designar o avanço de um exército ou uma expedição. O substantivo provém do verbo *prokoptein* que significa *derrubar de antemão* e se aplicava ao corte de árvores e erva daninhas e a toda remoção de impedimentos que obstaculizavam a marcha do exército. Aqui o sentido é limpar o caminho dos obstáculos que

impediriam o avanço. A prisão de Paulo longe de fechar-lhe as comportas abre-as, longe de ser uma barreira, limpa-lhe o caminho a novos campos de trabalho e atividade onde jamais se introduziu de outra forma. A propósito, vejamos qual era a posição de Paulo.

Vendo que não lhe era feita justiça na Palestina, apelou a César, como todo cidadão romano tinha o direito de fazê-lo. Foi enviado a Roma, a seu devido tempo, sob custódia militar e chegando ali foi entregue ao "prefeito militar" ainda que desfrutou de liberdade de movimento sob a custódia de um soldado (Atos 28:16). Finalmente, apesar de estar sob custódia, foi-lhe permitido alugar sua própria habitação (Atos 28:30), a qual tinha as portas abertas a todo aquele que queria entrevistá-lo. Paulo diz aqui que suas prisões fizeram-se patentes em todo o pretório. A palavra pretório (*praitorion*) pode assinalar um lugar ou um grupo de pessoas. Quando significa lugar, suas acepções são três.

(1) Originariamente significava o *quartel general do acampamento* ou seja a tenda da qual o general dava suas ordens e dirigia a campanha.

(2) A partir disto chegou a significar a residência de um general; portanto, podia significar a residência do imperador, quer dizer, seu palácio, ainda que os exemplos neste sentido sejam extremamente raros.

(3) Por outra extensão natural o termo significou uma casa ampla ou uma quinta, quer dizer, a residência de alguma pessoa rica ou influente. Mas é evidente que aqui *praitorion* não pode ter nenhum destes significados, porque, como vimos, Atos diz claramente que Paulo alugava sua própria moradia (Atos 28:30).

Devemos então voltar para outro significado de *praitorion* que designa um grupo de gente. Neste sentido aplica-se ao *guarda do pretório* ou, com muito menos freqüência, aos barracos onde se aquartelava o guarda do pretório. Podemos deixar de lado o segundo dos significados, já que provavelmente Paulo não teria alugado uma habitação nas barracas romanas.

O guarda do pretório era o guarda imperial de Roma. Tinha sido instituída por Augusto e compreendia um corpo de dez mil soldados escolhidos. Augusto os tinha mantido dispersos por toda Roma e as aldeias vizinhas. Tibério a concentrou em Roma num edifício especial com um campo fortificado.

Vitélcio tinha aumentado seu número a dezesseis mil. Prestavam serviço durante doze anos, que mais tarde aumentaram a dezesseis. No final do período cada um recebia a cidadania romana e uma subvenção equivalente a mais de seiscentos dólares. No final chegaram a ser quase o corpo de guarda privado do imperador e constituíram um grande problema. Estavam concentrados em Roma e em certa época o guarda do pretório se fez nada menos que a instauradora dos imperadores já que o candidato que propunha o guarda era sempre o escolhido. O guarda do pretório impunha pela força sua vontade, se era necessário, sobre o povo. Quando Paulo chegou a Roma foi entregue ao prefeito da guarda pretoriana, sua comandante.

Agora, Paulo fala de si mesmo repetidamente como um *prisioneiro* ou um que está *em cadeias*. Ele diz aos cristãos de Roma que foi entregue como *prisioneiro (desmios)* nas mãos dos romanos ainda que não agiu mal (Atos 28:17). Em Filipenses fala com freqüência de suas prisões (Filipenses 1:7,13,14). Em Colossenses fala de estar na prisão por causa de Cristo; diz-lhes que lembrem suas prisões (Colossenses 4:3,18). Em Filemom, chama-se a si mesmo prisioneiro de Jesus Cristo e fala das prisões do evangelho (Filemom 9, 13). Em Efésios se chama novamente prisioneiro de Jesus Cristo (Efésios 3:1). Mas há duas passagens em que estas prisões têm um significado mais preciso. Em Atos 28:20 fala de si mesmo como *preso com esta cadeia*; e usa a mesma palavra (*halysis*) em Efésios 6:20 quando fala de si como de um *embaixador em cadeias*.

Nesta palavra *halysis* tentemos a chave do problema. *Halysis* era a curta parte de cadeia que ligava o punho do prisioneiro ao punho do soldado que o custodiava para impedir sua fuga. Esta era a situação.

Paulo tinha sido entregue ao capitão do guarda pretoriana para esperar o juízo perante o imperador. Tinha-lhe sido permitido ter sua própria habitação alugada; mas nessa casa estava dia e noite encadeado com essa *halysis* a um soldado que o custodiava. É obvio que os guardas se alternavam nesta tarefa. Ao longo de dois anos cada um dos membros da guarda imperial devem ter completo esta missão.

Que enorme possibilidade ofereciam estas circunstâncias! Os soldados ouviam a pregação de Paulo e a conversação com seus amigos. Acaso se pode duvidar de que nessas longas horas Paulo tenha aberto a discussão sobre Jesus com o soldado a quem estava encadeado? A prisão de Paulo abriu o caminho à pregação do evangelho no regimento mais seleta do exército romano: a guarda imperial. Por isso não é nada estranho que Paulo diga que essa prisão colaborou de fato à propagação do evangelho. Toda a guarda pretoriana sabia a razão pela qual Paulo estava preso; muitos deles foram tocados pela graça de Cristo. Toda esta realidade brindou aos irmãos de Filipos renovado valor para pregar o evangelho e dar testemunho de Cristo.

As cadeias de Paulo tinham tirado as barreiras e tinham dado acesso ao mais amadurecido do exército romano; e tinham sido um estímulo para os irmãos de Filipos.

## A PROCLAMAÇÃO MAIS IMPORTANTE

### **Filipenses 1:15-18**

Aqui na verdade fala o grande coração de Paulo. Sua prisão tinha sido um incentivo para a pregação que operava de duas maneiras. Havia aqueles que o amavam e vendo-o detento redobram seus esforços para que a pregação e difusão do evangelho não sofressem detrimento por causa desta prisão. Sabiam que a melhor maneira de lhe dar alegria era fazer com que a evangelização não sofresse menoscabo por causa de sua ausência inevitável. Mas havia outros. Estes estavam movidos pelo que Paulo chama *eritheia*. Pregavam por seus motivos partidários. O termo

*eritheia* está carregado de interesse. Nas origens seu sentido não era de maneira nenhuma pejorativo; significava simplesmente *trabalho pelo pagamento* ou trabalho assalariado. Mas o homem que só trabalha pelo pagamento tem um motivo muito baixo: desempenha-se só para beneficiar-se, para proveito e lucro próprios e para seu prestígio sobre outros. De modo que o termo chegou a descrever o oportunista, o homem que desempenha um cargo para engrandecer-se a si mesmo. Nesta linha o termo se conecta com a política: significa buscar *sufrágios para o cargo*; descreve a busca do interesse pessoal e a ambição egoísta; pinta as ambições pessoais e o espírito de competição que tenta o próprio adiantamento sem preocupar-se dos meios a que se rebaixe a fim de chegar ao que se propõe. Nesta situação se encontravam aqueles que pregavam com mais esforço agora que Paulo estava preso; pois sua prisão lhes parecia uma oportunidade enviada do céu para incrementar sua própria influência e seu prestígio e seu partido eclesiástico, diminuindo os de Paulo. Não pensemos na prédica dos hereges ou dos judaizantes que queriam comprometer os cristãos no legalismo judeu; Paulo jamais teria aprovado isto. Os pregadores aos que Paulo se refere saíam a incrementar o próprio prestígio e a escavar a influência de Paulo enquanto estava na prisão.

Aqui há uma lição para nós. Paulo não sabia nada de ciúmes ou ressentimentos pessoais. Se Jesus Cristo era pregado não lhe interessava quem recebesse crédito, honra e prestígio. Não lhe interessava o que outros pregadores dissessem dele, ou quão pouco amigavelmente se comportassem com ele, ou com quanto desprezo o tratassem, ou se pretendiam ganhar na corrida. Tudo o que lhe interessava era que Cristo fosse pregado. Com muita freqüência nos ressentimos porque outro ganha uma distinção, um crédito ou um prestígio que nós não recebemos. Com muita freqüência olhamos a outro como inimigo porque expressou alguma crítica sobre nós ou sobre nossos métodos. Com freqüência pensamos que alguém não serve porque não faz as coisas à nossa maneira. Os intelectuais não se dão bem com os "evangélicos" e estes



impugnavam a fé daqueles. Os que crêem na evangelização por educação não querem ter nada que ver com a evangelização por decisão e os que praticam a evangelização de massas não querem ter nada que ver com os que crêem que algum outro enfoque pode ter efeitos mais permanentes. Paulo é o grande exemplo. Estava liberto do eu; tinha posto a causa acima de todas as personalidades; tudo o que lhe interessava era que Cristo fosse pregado.

## O FINAL FELIZ

### Filipenses 1:19-20

Paulo tem a convicção de que toda a situação em que se encontra redundará em sua libertação. Até sua prisão e a prédica hostil de seus inimigos pessoais contribuirão no final para sua libertação. O que é o que quer dizer por *libertação*? O termo é *soteria*, e aqui tem três significados possíveis.

(1) Pode significar *segurança*. Neste caso Paulo diria que está quase seguro de que toda a situação concluirá com sua libertação. Mas dificilmente pode ser este o significado porque Paulo continua afirmando que não está seguro se viverá ou morrerá.

(2) Pode significar sua *salvação nos céus*. Neste caso Paulo diria que sua conduta nessa situação o fará testemunha no dia do juízo. Aqui há uma grande verdade. Em toda situação de oportunidade ou desafio o homem opera não só para o tempo, mas também para a eternidade. Em cada situação não só ganha o veredicto dos homens, mas também o de Deus. A reação do homem a cada situação, decisão, oportunidade e desafio do tempo é um testemunho em favor ou contra si na eternidade.

(3) Mas *soteria* pode ter um significado mais amplo que os dois anteriores. Pode significar *saúde, bem-estar geral*. Paulo bem pode estar dizendo que tudo o que lhe acontece nessa difícil situação é o melhor para ele, tanto no tempo como na eternidade. A afirmação significaria: "Deus me põe nesta situação que são todos os seus problemas e

dificuldades — é um meio para minha felicidade e utilidade no tempo, e para minha alegria e paz na eternidade. Isto está previsto para meu bem-estar neste mundo e no vindouro." Lembremos que todo desafio da vida vem de Deus para nos tonificar e nos fortalecer.

Nesta situação Paulo reconhece dois grandes apoios.

(1) O apoio das orações de seus amigos. Uma das coisas mais belas nas cartas de Paulo é a insistência em pedir as orações de seus amigos. "Irmãos", escreve aos Tessalonicenses, "orai por nós"; "Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague" (1 Tessalonicenses 5:25; 2 Tessalonicenses 3:1-2). Dos coríntios fala da seguinte maneira: "Ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor" (2 Coríntios 1:11). Escreve a Filemom que está seguro de que por suas orações será entregue de volta a seus amigos (Filemom 22). Antes de empreender sua perigosa viagem a Jerusalém escreve à Igreja de Roma pedindo suas orações (Rom. 15:30-32).

Paulo jamais se fez tão grande que não lembrasse a necessidade da oração de seus amigos. Jamais se colocou no alto para olhar para baixo; jamais falou como aquele que é capaz de tudo enquanto o povo não pode nada; lembrou sempre que, tanto ele como os seus, nada podiam sem a graça de Deus.

Lembremos que quando a pessoa está aflita e com o coração desfeito um consolo dos maiores é saber que há outros que o encomendam perante o trono da graça. Quando alguém está perante um esforço que o prostra ou uma decisão que o entristece recupera as forças quando lembra que outros o encomendam a Deus. Quando alguém vai a lugares desconhecidos e se encontra longe de sua casa se consola ao saber que a oração dos que ama atravessa os mares e os continentes e o apresenta perante o trono da graça. Não podemos chamar a ninguém amigo — nem nós mesmos podemos nos considerar amigos — de alguém por quem nunca oramos.

(2) Paulo sabe que conta com o sustento do Espírito Santo. A presença do Espírito Santo é o cumprimento da promessa de Jesus de estar conosco até o fim dos tempos.

Em toda esta situação Paulo tem uma esperança. A palavra que usa para *esperança* é muito gráfica; é um termo inusitado; ninguém o usou antes e bem pode ser que o mesmo o tenha cunhado. Trata-se de *apokaradokia*. *Apo* significa *fora de*; *kara*, *cabeça*; *dokein*, *olhar*. *Apokaradokia* significa o olhar ardente, concentrada e persistente que se separa de qualquer outra coisa, para fixar-se só no objeto de seu desejo. A esperança de Paulo é que nunca se veja reduzido ao silêncio por vergonha. Duas coisas poderiam reduzi-lo ao silêncio por vergonha. A covardia poderia fazê-lo calar quando deveria ter falado; e a ineficácia e a inutilidade de sua obra poderia privá-lo do direito de falar. Paulo tem a segurança de que em Cristo encontrará a valentia para nunca envergonhar-se do evangelho; que por meio de Cristo suas fadigas contribuirão ao bem de todos os homens. Espera a graça de ser intrépido ao falar.

J. B. Lightfoot escreve: "O direito de falar livremente é a insígnia e o privilégio dos servos de Cristo." Para o servo de Cristo, falar a verdade com intrepidez não é só um privilégio, é também seu *dever*.

Se Paulo assumir desta maneira com coragem e efetividade sua própria oportunidade, obterá como resultado que Cristo será glorificado nele. Não interessa o que ocorra com ele. Se morrer, terá a coroa do martírio. Se viver, terá o privilégio de pregar ainda e de dar testemunho de Cristo.

Como Ellicott o expressa belamente, Paulo diz: "Meu corpo será o teatro em que se manifestará a glória de Cristo." Eis aqui a tremenda responsabilidade do cristão. Uma vez que escolhemos a Cristo e nos tornamos membros de sua Igreja estamos na alternativa de conduzir glória ou vergonha a Cristo por nossa vida e conduta. Um líder é julgado sempre pelo que são seus seguidores. Cristo é julgado através de nós.

---

NA VIDA E NA MORTE**Filipenses 1:21-26**

Enquanto Paulo estava prisioneiro à espera do juízo devia enfrentar uma incerteza absoluta sobre seu destino de vida ou morte. Mas era-lhe indiferente. "Para mim", diz em sua famosa frase "o viver é Cristo". Para Paulo Cristo marcava o *começo* de sua vida. Aquele dia no caminho a Damasco foi como se Paulo tivesse nascido de novo e tivesse começado a viver uma vida inteiramente nova. Para Paulo, Cristo tinha sido a *continuação* da vida, não tinha havido um só dia em que tivesse vivido fora de sua presença e nos momentos de temor Cristo tinha estado com ele para lhe infundir ânimo (Atos 18:9-10). E para Paulo, Cristo era o *fim* da vida, pois esta o conduzia à sua presença eterna. Para Paulo Cristo era a *inspiração* da vida: significava o poder dinâmico e impulsor de sua existência. Cristo lhe tinha encomendado a *tarefa* de sua vida porque o tinha feito apóstolo e o tinha enviado como evangelista aos gentios. Cristo lhe tinha infundido *fortaleza* para a vida, pois a graça suficiente de Cristo era a que se aperfeiçoava em sua fraqueza. E Cristo era para ele a *recompensa* da vida, porque para Paulo a única recompensa que podia conceber era uma comunhão cada vez mais estreita com seu Senhor. A vida desprovida de Cristo não tivesse significado nada para Paulo. Para ele Cristo era a vida mesma.

“Para mim”, diz Paulo, “o morrer é lucro”. A morte é só a porta de entrada a uma presença mais próxima de Cristo. Há passagens em nas quais Paulo parece considerar a morte como um sonho do qual os homens serão despertados em alguma ressurreição geral futura (1 Coríntios 16:51-52; 1 Tessalonicenses 4:14, 16). Mas no momento em que percebia o sopro da morte, Paulo pensava nela não como o pegar no sono, mas sim como a entrada imediata à presença de seu Senhor. Se cremos em Jesus Cristo a morte é para nós *união e reunião*: união com Cristo e reunião com aqueles que amamos e dos que enquanto isso nos tínhamos separado.

Como resultado, Paulo vacilava entre dois desejos. "Estou posto num estreito", diz. A palavra que Paulo usa, *senecomai*, e é a que se aplicaria a um viajante que está num desfiladeiro estreito e rochoso com um muro de rocha de um lado e outro do outro, impossibilitado de se desviar do caminho e tendo como única alternativa a de seguir adiante. No que respeita a si mesmo, teria desejado partir para estar com Cristo; desejaria permanecer nesta vida somente por seus amigos e o que pudesse significar para eles. E então repensa; a escolha não é dela mas sim de Deus e não lhe é dado estabelecer o que fará porque só pode fazer o que Deus quiser.

"Tendo desejo de partir", diz Paulo numa frase muito gráfica. A palavra que usa para partir é *analyein*. Atrás desta palavra se perfilam três figuras.

(1) É a palavra que se usa para expressar a idéia de levantar acampamento, desatar as cordas das tendas, tirar as estacas e prosseguir a marcha. A morte é um ficar em marcha. Cada dia de marcha é uma jornada mais perto de nosso lar até que enfim se levanta pela última vez o acampamento neste mundo e se muda pela residência permanente no mundo da glória.

(2) É também a palavra que se usa para soltar amarras, levantar âncoras e fazer-se ao mar. Morrer é um fazer-se ao mar, lançar-se ao profundo, empreender essa viagem rumo ao porto eterno e para com Deus.

(3) É a palavra que se aplica à solução dos problemas. A morte traz as soluções da vida. Há um lugar em que todas as perguntas da terra receberão resposta, onde os problemas torturantes encontrarão uma solução, onde o quebrado será reparado e o perdido achado e, finalmente, onde os que mantiveram a esperança poderão compreender.

Paulo tem a convicção de que "ficará" e "permanecerá" com eles. Aqui, em grego, há um trocadilho impossível de reproduzir. Para "ficar" usa-se a palavra *menein* e para "permanecer" *paramenein*. A questão é a seguinte. *Menein* significa simplesmente permanecer com; mas

*paramenein* (para significa ao lado de) é aguardar ao lado de uma pessoa, estando preparado para ajudar em todo momento. *Paramenein* não só significa aguardar mas sim um aguardar disposto, e sempre capaz de ajudar. Paulo deseja viver não por si mesmo, mas por aqueles aos que, vivendo, pode continuar ajudando e servindo.

Assim, pois, se Paulo não pode ir vê-os de novo, os filipenses terão nele razões para glorificar-se em Jesus Cristo. Em outras palavras, poderão olhar a Paulo e ver nele o que Cristo pode fazer por um homem que se entrega totalmente a Ele. Paulo será um exemplo luminoso de como por meio de Cristo um homem pode enfrentar o pior e sair ileso e impertérrito. É o dever de todo cristão confiar e viver de tal maneira que os homens vejam o que Cristo pode fazer por aquele que lhe entrega sua vida.

## CIDADÃOS DO REINO

### Filipenses 1:27-30

Uma coisa é essencial. Não importa o que aconteça a Paulo ou aos filipenses, estes devem viver dignamente sua fé e sua profissão cristã. Paulo escolhe aqui suas palavras com todo cuidado. “Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo.” Mas nesta ocasião usa um termo ao que raramente acode para traçar uma imagem. A palavra que Paulo geralmente usa para o comportamento ou a conduta de alguém nos assuntos comuns da vida é *peripatein* que significa literalmente *caminhar ao redor*. Aqui usa a palavra *politeuesthai* que significa *ser cidadão*; *polites* é *cidadão*. Paulo escrevia do próprio centro do Império romano: de Roma, a capital. O fato de ser cidadão romano era o que o tinha conduzido ali. Filipos era uma dessas colônias romanas que constituíam pequenas partes de Roma disseminadas por todo mundo. Nas colônias romanas os cidadãos romanos jamais esqueciam que eram romanos; falavam latim, levavam vestimentas latinas, davam a seus magistrados os títulos latinos, insistiam obstinadamente em que eram

romanos apesar do longe que pudessem estar de Roma. Paulo diz, portanto, o seguinte: "Tanto vocês como eu conhecemos perfeitamente bem os privilégios e as responsabilidades de ser cidadão romano. Vocês conhecem perfeitamente bem como até em Filipos, a tantos quilômetros de Roma, devem viver e agir como o faz um romano. Pois bem, lembrem que têm um dever mais alto que este. Onde vocês estiverem devem viver como é digno de um cidadão do reino de Deus; jamais esqueçam os privilégios e as responsabilidades da cidadania, não a de Roma, mas sim do Reino de Deus". De modo que o cristão deve lembrar sempre o Reino do qual é cidadão; sua conduta deve ser digna dessa cidadania.

O que é o que Paulo espera deles? Espera que se *mantenham firmes*. O mundo está cheio de cristãos em retirada, cristãos que quando começam as dificuldades ocultam seu cristianismo ou, ao menos, silenciam-no. O verdadeiro cristão permanece firme e sem envergonhar-se em qualquer situação. Espera a *unidade*; os cristãos têm que estar unidos num mesmo espírito como irmãos. Que o mundo se inimize e viva em luta, discussões e diferenças; os cristãos devem ser um. Espera certa *invencibilidade*. Jamais devem claudicar na luta da fé. Frequentemente o mal parece não conhecer a derrota; com freqüência parece impossível que o cristão se purifique do mal e lute contra o pecado do mundo. Jamais o cristão deve abandonar a esperança ou claudicar na batalha. O cristão deve continuar sua luta por Cristo sem jamais desanimar. Espera uma *coragem fria e tranqüila*. Em tempo de crise outros podem tremer, amedrontar-se e deixar-se levar pelos nervos. Em semelhantes circunstâncias o cristão se mantém sereno, dono de si mesmo e da situação.

Se chegarem a agir assim darão tal exemplo aos pagãos que estes se fartarão e se rebelarão contra o próprio estilo de vida, comprovarão que os cristãos possuem algo do que eles carecem e tratarão de participar da vida cristã pela simples razão da própria conservação.

Paulo não sugere que isto seja fácil. Quando o cristianismo chegou pela primeira vez a Filipos o viu livrar sua própria batalha. Paulo

foi açoitado e aprisionado por causa da fé (Atos 16:19). Sabiam pelo que agora estava passando. Mas devem ter presente que cada general escolhe a seus melhores soldados para as empresas mais difíceis e que é uma honra sofrer algo por Cristo.

Há uma lenda francesa que narra como um soldado veterano francês se encontrou numa situação desesperada com um jovem recruta que tremia de medo. "Venha, filho", disse o veterano, "você e eu faremos algo grande pela França".

Da mesma maneira Paulo diz aos filipenses: "Para vocês e para mim a batalha continua; façamos algo grande por Cristo".

## **Filipenses 2**

Causas de desunião - 2:1-4

Remédio para a desunião - 2:1-4 (cont.)

Verdadeiro Deus e verdadeiro homem - 2:5-11

Humilhação e exaltação - 2:5-11

Tudo para Deus - 2:5-11 (cont.)

Cooperação na salvação - 2:12-18

Os sinais da salvação - 2:12-18 (cont.)

As figuras paulinas - 2:12-18 (cont.)

O servidor fiel - 2:19-24

A cortesia de Paulo - 2:25-30

## **CAUSAS DE DESUNIÃO**

### **Filipenses 2:1-4**

O perigo que ameaçava a Igreja de Filipos era o da desunião. Em certo sentido este é o perigo de toda Igreja sadia. Só quando os homens vivem com toda seriedade, quando realmente se interessam por suas crenças e quando estão ansiosos a levar a cabo seus próprios planos ou projetos é quando existem as condições para que uns se levantem contra



outros. Quanto maior é o entusiasmo, tanto maior é o perigo de colisão. Paulo deseja proteger seus amigos deste perigo.

Nos versículos 3 e 4 o apóstolo nos apresenta as três grandes causas de desarmonia e desunião. Em primeiro lugar a *ambição egoísta*. Sempre existe o perigo de que os homens trabalhem não para adiantar o mesmo assunto, senão para seu progresso pessoal. É extraordinário como várias vezes grandes príncipes da Igreja quase fugiram ao cargo a eles oferecido, devido ao agudo senso da própria indignidade.

Ambrósio está entre as maiores figuras da Igreja primitiva. Foi um grande erudito; ocupou o cargo de governador romano da província da Ligúria e Emilia, a que regia com tanto amor e cuidado que era considerado por todos como um pai. Morreu o bispo do distrito e surgiu a questão do sucessor. Em meio da discussão se ouviu de repente a voz de um menino pequeno: "Ambrósio bispo! Ambrósio bispo!" Toda a multidão começou a gritar da mesma maneira. Para Ambrósio isto era inconcebível. Fugiu de noite para evitar o alto cargo eclesiástico que se lhe oferecia, e só a intervenção direta e a ordem do imperador fizeram que aceitasse o cargo de Bispo de Milão.

Quando o pregador John Rough chamou publicamente do púlpito de Santo André a John Knox para o ministério, este se encheu de espanto. Em sua própria *História da Reforma* escreve: "Ao dizer isto John se envergonhou, estalou em abundantes lágrimas e se retirou a seu aposento. Daquele momento até o dia em que foi forçado a apresentar-se publicamente no lugar da pregação, seu semblante e seu comportamento evidenciaram a aflição e a angústia de seu coração. Ninguém advertiu nenhum sinal de regozijo; por muitos dias não buscou a companhia de ninguém." Assim, pois, longe de deixar-se dominar pela ambição; os grandes homens estavam dominados por um sentimento da própria indignidade e incapacidade para desempenhar um alto cargo.

Logo vem o desejo de *prestígio pessoal*, de uma glória vazia. Pode-se dizer que na verdade o prestígio é para muitos uma tentação maior ainda que a riqueza. Ser admirados, respeitados, poder sentar-se numa

plataforma, ser consultados, ser conhecidos pelo nome e a fisionomia, ser escutados, ter certa fama e até ser adulados constitui para muitos o que mais se pode ambicionar. Mas o cristão não aponta à sua própria exibição mas sim ao seu desaparecimento. Quando realiza boas obras não o faz para que os homens lhe rendam honras, senão para que glorifiquem ao Pai que está nos céus. O cristão não deseja que os olhos dos homens se centrem nele, mas em Deus. Brilha com uma luz mas essa luz não é próprio, mas sim a luz de Deus que brilha através dele.

E, por fim, há o *egocentrismo*. Se um homem sempre se preocupa, em primeiro termo e acima de tudo por seus próprios interesses, choca necessariamente com outros. Se para alguém a vida é um concurso cujo prêmio tem que ganhar ou uma luta por vencer, sobrepujar e conquistar a outros, pensará sempre nos outros como inimigos ou pelo menos como adversários que devem ser eliminados do caminho. O centrar-se em si mesmo implica inevitavelmente eliminar a outros; o objeto da vida já não é ajudar os outros, mas sim afundá-los na medida do possível.

Onde há uma ambição egoísta, onde há um desejo de prestígio pessoal, onde cada homem se concentra em seus próprios interesses, ali não pode existir outra coisa senão desunião.

## REMÉDIO PARA A DESUNIÃO

### **Filipenses 2:1-4 (continuação)**

Frente ao perigo de desunião Paulo faz cinco pontos que podem prevenir toda desarmonia ou desacordo.

(1) O fato de que todos estamos em Cristo deve nos manter em unidade fraternal. Ninguém pode caminhar desunido com seu semelhante e ao mesmo tempo estar unido a Cristo. Se a pessoa tiver a Cristo como companheiro de caminhada, inevitavelmente é companheiro de todo caminhante. Ninguém pode viver a atmosfera de Cristo e viver ao mesmo tempo odiando a seus semelhantes. As relações de um homem

com seus semelhantes são um ser bom índice de sua relação com Jesus Cristo.

(2) O poder do amor cristão nos conservará em unidade uns com os outros. O amor cristão é essa benevolência e boa vontade invencíveis que não conhecem o ódio nem buscam outra coisa que o bem de outros. O amor cristão não é uma mera reação do coração como o é o amor humano; é uma vitória da vontade que se leva a cabo com a ajuda de Jesus Cristo. Não significa só amar os que nos amam, os que nos agradam ou os que são dignos de ser amados. Significa uma boa vontade invencível até para com aqueles que nos odeiam. É o poder de amar os que não nos agradam; é a capacidade semelhante a de Jesus Cristo de amar o que não é amável nem digno de amor. Aqui está a verdadeira essência da vida cristã, e o que nos afeta no tempo e a eternidade.

Richard Tatlock em *In My Father's House* escreve: "O inferno é a condição eterna dos que fizeram da relação com Deus e com seus semelhantes algo impossível porque destruíram em suas vidas o amor... O céu é, por outro lado, a condição eterna dos que acharam verdadeira vida numa relação de amor com Deus e com seus semelhantes".

Aquele que conhece o amor cristão e permanece nele, e embora de uma maneira muito imperfeita, não pode viver em desunião com outros.

(3) O fato de participar do Espírito Santo deve impedir a desunião dos cristãos. O Espírito Santo é aquele que liga o homem com Deus e o homem com o homem. É o Espírito aquele que nos revela o que Deus deseja que façamos; é o Espírito aquele que difunde a partir de nossos corações o amor de Deus; é o Espírito aquele que nos capacita a viver a vida de amor que é a vida de Deus. Se a pessoa viver em desunião com seus semelhantes dá prova de não possuir o dom do Espírito.

(4) A própria vida de piedade e compaixão humanas deve conservar os homens em estreita união. Como Aristóteles o enunciou há muito tempo, os homens não foram destinados a ser lobos vorazes, mas sim a viver juntos em comunidade. A desunião rompe a própria estrutura da vida.

(5) O último apelo de Paulo é de caráter pessoal. Ele não pode ser feliz enquanto saiba que existe desunião na Igreja que tanto ama. Se querem completar sua alegria, que obtenham a união entre si. Paulo não ameaça os cristãos de Filipos, porque só raramente o pastor cristão tem que ameaçar; pelo contrário, apela com o amor que sempre deve ser o acento do pastor assim como foi o acento do Senhor.

## **VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM**

### **Filipenses 2:5-11**

Poderíamos afirmar sem temor de errar que esta é a passagem mais importante e emocionante que Paulo escreveu sobre Jesus. Aqui se expõe seu pensamento favorito. O essencial é a simples consideração que Paulo já tinha feito aos coríntios: Jesus sendo rico se empobreceu por nossa causa (2 Coríntios 8:9). Mas esta idéia simples se desenvolve aqui com uma plenitude e riqueza que não têm paralelo. Paulo roga aos filipenses que vivam em unidade e harmonia; que deponham suas desavenças e discórdias; que deixem de lado toda ambição pessoal, orgulho e desejo de distinção e prestígio; e que abriguem em seus corações o desejo humilde e sem egoísmo de servir que era a própria essência da vida de Cristo. Seu apelo final e irrefutável à unidade consiste em assinalar o exemplo de Jesus Cristo.

Estamos diante de uma passagem que devemos penetrar a fundo porque seu imenso conteúdo abre nossa mente à reflexão e nosso coração à maravilha. E para isto nos deteremos em alguns termos gregos.

O grego é uma linguagem muito mais rica que a nossa. Onde nós temos uma só palavra para expressar uma idéia, o grego oferece com freqüência duas ou três ou mais. Em certo sentido são palavras sinônimas ainda que jamais significam inteiramente o mesmo; sempre conservam algum matiz especial ou certo significado particular. Isto vale especialmente para a passagem presente. Aqui Paulo escolhe meticulosamente cada uma de suas palavras para mostrar duas coisas: a

realidade tanto da divindade como da humanidade de Jesus Cristo. Consideremos cada frase separadamente. Teremos em conta a tradução da versão corrente e nossa própria tradução, e logo tentaremos penetrar no significado essencial que contêm.

Versículo 6: *Sendo em forma de Deus* (RC). “Era por natureza da mesma forma que Deus” (Trad. W. Barclay). Aqui há duas palavras escolhidas com todo cuidado para mostrar a divindade essencial e imutável de Jesus Cristo. A palavra que a Almeida Revista e Corrigida traduz por *sendo* provém do verbo grego *hyparquein*. Este termo não é a palavra grega usual para *sendo*. Descreve o que o homem é em sua própria essência; o que não pode ser mudado; o que possui em forma inalienável e em forma que não lhe pode ser tirado. Descreve as características e capacidades do homem que lhe são inatas, imutáveis e inalteráveis. Descreve a parte do homem que, apesar de todas as mudanças, possibilidades e circunstâncias, continua sendo a mesma. De modo que, Paulo começa dizendo que Jesus é Deus em forma essencial, inalterável e imutável.

Logo Paulo continua dizendo que Jesus estava na *forma* de Deus. Há duas palavras gregas para *forma*: *morfe* e *squema*. Ambas as duas significam *forma* e devem traduzir-se por *forma* na falta de outro termo em nossas línguas. Mas não têm o mesmo significado. *Morfe* é a forma essencial de algo, que jamais se altera; *squema* é a forma externa que muda de tempo em tempo e de circunstância em circunstância. Por exemplo, a *morfe* essencial de cada homem está em sua humanidade: o fato de sua humanidade é constante e jamais muda; mas o *squema* da pessoa — sua forma externa — muda continuamente.

Um bebê, um menino, um adolescente, um jovem, um adulto homem e um homem maduro têm sempre a mesma *morfe* mas o *squema* externo muda continuamente. As rosas, os narcisos, os tulipas, os crisântemos, os cravos, as dalias e os girassóis têm todas uma mesma *morfe* porque são igualmente flores; mas a forma externa, o *squema*, é diferente. A aspirina, a penicilina, o magnésio, têm uma *morfe* porque

são todos medicamentos; mas a forma externa, o *squema*, é diferente. A *morfe* jamais se altera; o *squema* muda continuamente. A palavra que Paulo usa agora para Jesus que existe na *forma* de Deus é *morfe*: Jesus está de maneira inalterável na forma de Deus; sua essência e seu ser imutável são divinos. Apesar de que seu *squema* externo pode mudar-se, permanece divino em seu ser e em sua essência.

No mesmo versículo Paulo continua dizendo que Jesus “*não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se*”(NVI). “Não pensou numa existência em igualdade com Deus como algo que podia ser arrebatado” (Trad. W. Barclay). A palavra que Paulo usa é *harpagmos* e a traduzimos como *algo que podia ser arrebatado*. *Harpagmos* provém de um verbo que significa *arrebatado* ou *aferrar*. Esta frase pode assinalar uma ou duas coisas que estão por igual no centro de um mesmo pensamento.

(a) Pode significar que Jesus não precisou arrebatado a igualdade com Deus porque a possuía por direito próprio: era dEle e não havia por que tentar arrebatá-la.

(b) Pode significar que Jesus não reteve avidamente a igualdade com Deus como agarrando-a zelosamente contra seu peito e recusando entregá-la. Abandonou-a voluntariamente por amor aos homens. Seja qual for o significado que adotemos – e ambos são perfeitamente possíveis – novamente se sublinha a divindade essencial e imutável de Jesus Cristo.

Versículo 7: *antes, a si mesmo se esvaziou*. “*fez-se a si mesmo sem reputação*” (Trad. W. Barclay). O verbo grego é *kenoun* que literalmente significa *esvaziar*. Pode usar-se para “tirar algo de um recipiente até que fique vazio” ou para “derramar algo de tal maneira que não fique nada”. Paulo usa aqui a palavra mais gráfica possível para que fique bem claro o sacrifício da encarnação. A serenidade, a paz e a glória da divindade foi o que Jesus depôs voluntariamente para fazer-se homem. Esvaziou-se de sua divindade para assumir a humanidade. É inútil perguntar-se pela maneira; somente podemos estar reverentes perante a presença dAquele

que na fome, no cansaço e nas lágrimas é Deus todo-poderoso. Aqui, já no último limite da linguagem humana, está a grande verdade salvadora de que Aquele que era rico se empobreceu por nós.

Paulo diz a seguir: *tomando a forma de servo*. “adotou a mesma forma de um escravo” (Trad. W. Barclay). A palavra que Paulo usa para forma é *morfe* que significa, como vimos, a forma essencial. O que quer dizer é que Jesus se fez homem não para representar um papel como no teatro, mas em realidade. Foi efetivamente homem. Não foi como os deuses gregos que algumas vezes — no dizer dos relatos — se fizeram homens mas conservando seus privilégios divinos. Jesus se fez real e verdadeiramente homem. Sua humanidade foi verdadeira. Mas aqui há algo mais.

*Fazendo-se em semelhança de homens*. “Fez-se como os homens.” (Trad. W. Barclay). *Tornando-se*, que nós traduzimos *fez-se* corresponde ao verbo grego *gignesthai*. Este verbo descreve *um estado que não é permanente*. Tudo se encaixa no pensamento de *suced*, *chegar a ser*, não de ser permanentemente algo. Descreve a fase de uma mudança muito real mas que passa e segue sua marcha. Isto equivale a dizer que a humanidade de Jesus não era permanente; *fez-se* homem mas só por um tempo; sendo essencialmente divino se fez humano temporalmente. Sua humanidade era completamente real, mas transitiva; sua divindade era também algo absolutamente real mas permanente e definitiva.

Versículo 8: *E, achado na forma de homem*. Em sua apresentação foi reconhecido por todos como um homem (Trad. W. Barclay). Paulo volta aqui para o mesmo. A palavra que traduzimos por *apresentação* é *squema*. Já vimos que encerra a idéia de uma forma que muda e se altera. Jesus veio na verdadeira forma de um servo, como um homem real, mas tratava-se de um estágio ou situação temporária; saiu da divindade para retornar a esta da humanidade.

Os versículos 6-8 formam uma passagem muito breve mas não existe em todo o Novo Testamento outro lugar que expresse com tanto dinamismo a realidade absoluta da divindade e humanidade de Jesus

Cristo e que apresente em forma tão vívida o inconcebível sacrifício de Cristo ao deixar a divindade e assumir a humanidade. Não podemos dizer como aconteceu. No fim de contas estamos perante um mistério tão imenso de amor que jamais poderemos entendê-lo inteiramente, ainda que possamos viver sua experiência bendita e adorá-lo.

## HUMILHAÇÃO E EXALTAÇÃO

### **Filipenses 2:5-11 (continuação)**

Lembremos sempre que quando Paulo pensava e falava de Jesus seu interesse, intenção e propósito não eram em primeiro termo intelectuais e especulativos, mas sim eram sempre práticos. Em Paulo sempre se unem teologia e ação. Para ele, todo sistema de pensamento deve necessariamente converter-se num caminho de vida. Em muitos aspectos é um dos que têm maior alcance teológico do Novo Testamento, mas toda sua intenção está em persuadir e impulsionar os filipenses a viver uma vida livre de desunião, desarmonia e ambição pessoal.

Paulo diz, pois, que Jesus se humilhou, fez-se obediente até a morte, até o extremo de uma morte na cruz. As grandes características da vida de Jesus foram humildade, obediência e renúncia de si mesmo. Não desejou dominar o homem, mas sim apenas servi-lo. Não desejou seu próprio caminho, mas sim o de Deus. Não desejou sua própria exaltação, mas sim a renúncia a toda glória pelo bem do homem. O Novo Testamento assegura várias vezes que só aquele que se humilha será exaltado (Mateus 23:12; Lucas 14:11; 18:14). Se a humildade, a obediência e a renúncia de si são as características supremas da vida de Jesus Cristo, também devem ser os sinais de autenticidade do cristão, porque este deve ser como seu Senhor. Tanto a grandeza cristã como a unidade cristã dependem da renúncia de si mesmo; destroem-se pela própria exaltação. O egoísmo, a busca e a exibição de si destroem a semelhança com Cristo e nossa comunhão uns com outros.



Mas a renúncia que Jesus Cristo fez de si foi o meio para a glória maior. Por isso se constituiu no objeto do maravilhado culto de todo o universo. Isto significa que algum dia, mais cedo ou mais tarde, toda criatura do universo — nos céus, na Terra e até nos infernos — lhe renderá culto. Mas advertimos a origem deste culto: *o amor*. Jesus ganhou os corações dos homens não se exaltando diante deles com seu poder, mas sim lhes mostrando amor, sacrificando-se e negando-se a si mesmo por eles. Isto comove o coração humano. À vista de alguém que deixa a glória pelos homens e os ama até o extremo de morrer na cruz por eles, o coração do homem se entenece e se quebra toda resistência.

Quando os homens rendem culto a Jesus não se jogam a seus pés com uma esmagadora submissão, mas com um amor maravilhado. A pessoa não diz: "Não posso resistir a um poder como este", mas sim: "Um amor tão assombroso e tão divino exige toda minha alma e todo meu ser". Não diz: "Fui reduzido e submetido", mas sim: "Estou abismado no assombro, no amor e no louvor." Não é o poder de Cristo que reduz ao homem e o submete; é o amor maravilhoso de Cristo que faz com que o homem se ajoelhe com um amor maravilhado. A adoração se baseia não no temor, mas no amor.

Paulo diz ademais que, como conseqüência do amor sacrificial e da abnegação de Jesus, Deus lhe deu um nome que está acima de todo nome. É comum na Bíblia dar um nome novo para marcar um estágio novo e determinado na vida do homem. Abrão se converteu em Abraão quando recebeu a promessa de Deus (Gênesis 17:5). Jacó se converteu em Israel quando Deus entrou em nova relação com ele (Gênesis 32:28). A promessa de Cristo ressuscitado tanto a Pérgamo como a Filadélfia tem por objeto um nome novo (Apocalipse 2:17; 2:2). O novo nome é o signo de uma nova situação. Qual foi então o novo nome que Cristo recebeu? Não podemos determinar com absoluta segurança o pensamento de Paulo, mas o mais provável é que foi *Senhor*. O grande título pelo qual Jesus chegou a ser conhecido na Igreja primitiva foi *Kyrios*. Jesus se fez especificamente o *Senhor Jesus*.

A palavra *Kyrios* tem uma história luminosa.

(1) Começou significando senhor ou proprietário. Foi sempre um título de respeito.

(2) Chegou a ser o título oficial dos imperadores romanos; o imperador romano era *Kyrios* em grego e *Dominus* em latim, ou seja Senhor e Dono.

(3) Chegou a ser o título dos deuses pagãos; cada um dos deuses tinha o título de *kyrios* – senhor – como prefixo do nome próprio.

4) *Kyrios* era o termo grego que traduzia a Jeová na versão grega das Escrituras. Desta maneira, quando Jesus era chamado *Kyrios*, Senhor, significava que era o Senhor e o Dono de toda vida, o Rei dos reis e Senhor de imperadores; o Senhor de uma maneira em que os deuses pagãos e os ídolos mudos jamais podiam sê-lo. Era nada menos que divino. O novo nome de Jesus com Aquele que todo o universo o chamará um dia é Senhor.

## TUDO PARA DEUS

### Filipenses 2:5-11 (continuação)

Filipenses 2:11 é um dos versículos mais importantes do Novo Testamento. Aqui lemos que a intenção de Deus, seu sonho e seu desígnio, é que um dia toda língua confesse que *Jesus Cristo é o Senhor*. Estas cinco palavras foram o primeiro credo da Igreja cristã. Ser cristão significava fazer profissão de fé em Jesus Cristo como o Senhor (cf. Romanos 10:9). É um credo simples que, entretanto, abrange tudo. Seria bom retornar a este credo.

Em épocas posteriores os homens tentaram definir mais precisamente o que pensavam e com isto discutiram, inimizaram-se e se chamaram mutuamente hereges e néscios. Mas sempre será verdade que se alguém disser: "Para mim Jesus Cristo é o Senhor", é um cristão. Aquele que diz isto afirma que Jesus Cristo é para ele único; que está disposto a entregar-se a Ele com uma obediência que não brindaria a

ninguém; que está preparado a lhe dar um amor, uma lealdade e uma fidelidade que não tributaria a ninguém em todo o universo. Pode ser que se sinta incapaz de reduzir a palavras o que Jesus é e significa, mas enquanto morre em seu coração este amor maravilhado e viva sua vida em altares de uma obediência absoluta, é cristão, porque o cristianismo consiste menos no entendimento da razão que no amor do coração.

Assim chegamos no final desta passagem, e ao fazê-lo voltamos ao começo. Virá um dia em que os homens chamarão Jesus Cristo de Senhor, mas o farão *para glória de Deus Pai*. Toda a obra de Jesus e toda sua vida não aponta à glória própria, mas sim a de Deus. Paulo fala com absoluta clareza sobre a supremacia única e última de Deus. Na primeira carta aos Coríntios escreve que no fim dos tempos o próprio Filho estará sujeito a Deus e colocará tudo sob o poder de Deus de maneira que Deus seja tudo em todos (1 Coríntios 15:28). Jesus atrai os homens a si mesmo para poder levá-los a Deus. Na Igreja de Filipos havia alguns que tinham o único propósito de satisfazer sua ambição egoísta; o único propósito de Jesus era servir a outros apesar dos abismos de renúncia pessoal que isto lhe custasse. Na Igreja de Filipos alguns só pretendiam converter-se no centro dos olhares; Jesus queria que o único centro da atenção fosse Deus. Assim também o seguidor de Cristo nunca deve pensar em si mesmo, mas em outros, não deve buscar sua própria glória, mas sim a glória de Deus.

## COOPERAÇÃO NA SALVAÇÃO

### **Filipenses 2:12-18**

A interpelação de Paulo aos filipenses é mais que um chamado a viver em unidade e harmonia numa dada situação humana; é o apelo a viver toda a vida de tal maneira que conduza à salvação de Deus no tempo e na eternidade.

Em nenhuma parte do Novo Testamento a obra da salvação se estabelece em forma mais sucinta e epigramática: “Desenvolvi a vossa

salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.” Como sempre no caso de Paulo, as palavras estão escolhidas com todo cuidado e meticulosidade. *Desenvolvi a vossa salvação*, diz ele. A palavra traduzida *desenvolvi* é o verbo grego *katergazesthai*, que sempre leva inerente a idéia de levar a cabo, de fazer uma coisa em forma plena, completa e perfeita de modo que se termine e conclua. É como se Paulo dissesse: "Não fiquem na metade de caminho, não se satisfaçam com uma salvação parcial. Continuem até que a obra da salvação chegue a realizar-se em vós de forma plena e definitiva." Nenhum cristão pode contentar-se com menos que com o benefício total do evangelho.

Paulo continua dizendo: “Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.” A palavra grega traduzida *efetuar e realizar* é a mesma: *energein*. Sobre este verbo se têm que notar duas coisas importantes: sempre se usa com respeito à *ação de Deus*; e sempre se aplica a uma *ação efetiva*. Todo o processo da salvação é uma ação de Deus e esta ação é efetiva porque é sua ação. A ação de Deus não pode frustrar-se nem ficar inconclusa; deve ser plenamente efetiva.

Como vimos, esta passagem é um exemplo perfeito da modalidade da salvação.

(1) A salvação é de Deus. É Deus quem opera no homem.

(a) É Deus que opera em nós a vontade e o desejo de ser salvos. Deus é aquele que desperta o desejo dEle em nossos corações. É verdade que "nossos corações estão inquietos até que descansam nEle" e também que "nem sequer podemos começar a buscá-la a não ser que Ele já nos tenha encontrado". O desejo de bondade, de paz e de salvação de Deus não se acende por nenhuma emoção humana; Deus mesmo é aquele que o acende dentro de nossos corações. O começo do processo de salvação não depende de nenhum desejo humano; só Deus é aquele que o desperta.

(b) A continuação deste processo depende de Deus: sem sua ajuda não pode haver nenhum progresso no bem; sem sua ajuda nenhum pecado pode ser vencido nem obtida nenhuma virtude. Só por meio da ajuda de Deus podemos superar o mal e operar o bem.

(c) O processo de salvação termina em Deus porque consiste na amizade com Deus na qual nós somos do amado e o amado é nosso. Por esta razão diz-se com verdade que a obra da salvação começa, continua e termina em Deus.

(2) Mas isto tem também outra face: a salvação é do homem. “Desenvolvi a vossa salvação”, diz Paulo. Sem a cooperação do homem Deus mesmo é impotente. De fato todo dom e benefício tem que ser aceito e recebido.

Quando um homem está doente o médico pode ser muito capaz de curá-lo, os medicamentos e as técnicas de cura podem estar ao seu dispor, mas jamais se curará e restabelecerá se ele mesmo não recorre a todo isso. O fato é que pode rechaçar obstinadamente o convite e a persuasão para fazê-lo. Um homem não pode aprender sem professor, mas o professor é impotente para ensinar se o estudante se nega obstinadamente a usar os livros, os utensílios, a prática e a disciplina para adquirir o conhecimento.

Isto é o que acontece com a salvação. O oferecimento de Deus está aí; sem este oferecimento não se pode falar de salvação. Deus chega até a exalar seu alento dentro do coração do homem para obter que este deseje o ter a ele. Mas esse homem nunca pode receber a salvação enquanto não responde ao chamado de Deus e tome o que Deus lhe oferece e manda.

Não pode haver salvação sem Deus, mas o homem deve receber o que Deus lhe oferece. Nunca é Deus aquele que impede a salvação, mas sim o homem aquele que se exime da mesma.

---

**OS SINAIS DA SALVAÇÃO****Filipenses 2:12-18 (continuação)**

Mas, além disso, quando examinamos a seqüência do pensamento desta passagem, observamos que Paulo estabelece o que poderíamos chamar cinco sinais da salvação.

(1) O sinal do *progresso efetivo*. Em sua vida diária o cristão deve dar contínua evidência de que trabalha efetivamente em sua própria salvação, uma salvação que cada dia cumpre-se melhor e chega a uma maior perfeição. A grande tragédia de muitos de nós é que não fazemos em realidade nenhum progresso. Nossa vida leva sempre a marca das mesmas faltas e enganos. Continuamos sendo vítimas dos mesmos hábitos e escravos das mesmas tentações. Seguimos sendo culpados das mesmas deslealdades e dos mesmos fracassos. Mas a verdadeira vida cristã não pode permanecer num mesmo lugar; deve estar em contínuo progresso. E não pode ser de outra maneira porque a vida cristã é uma viagem rumo a Deus.

(2) O sinal que Paulo chama *temor e tremor*. Não se trata do temor e o tremor do escravo que se arrasta aos pés de seu senhor. Não é o temor e o tremor diante da perspectiva do castigo. É um temor e tremor que têm duas origens. Em primeiro lugar, provém do sentimento de nossa própria condição de criaturas, fraqueza, incapacidade e impotência para enfrentar a vida e as tentações. Mas não é o temor e o tremor que nos impulsionam a nos esconder de Deus e nos separar dEle. É, antes, o temor e o tremor que nos impelem para buscar a Deus e a nos ligar cada vez mais estreitamente a Ele, na certeza de que sem sua ajuda não podemos absolutamente enfrentar a vida. Em segundo lugar, tem origem no temor de afligir e desagradar a Deus. Quando realmente amamos a uma pessoa não tememos o que nos possa fazer, mas sim o que nós lhe poderíamos causar. O temor do amor não é o temor de ser castigados por outros, mas sim o de ferir o coração de outros. O único temor do cristão é o de ferir a Deus e crucificar de novo a Cristo.

(3) O sinal da *serenidade e segurança*. O cristão faz tudo sem murmurações nem contendas. A palavra que Paulo usa para murmuração (*goggysmos*) não é freqüente em grego. No grego dos escritores sagrados tem uma conexão característica e particular. O termo evoca o murmúrio de rebelião e infidelidade dos filhos de Israel em sua peregrinação pelo deserto. O povo murmurou contra Moisés (Êxodo 15: 24;16:2; Números 16:41). *Goggysmos* que se pronuncia *gongusomos* é uma palavra onomatopéica; descreve o murmúrio surdo e ameaçador do povo que desconfia de seus líderes e está à beira de uma revolta e insurreição contra eles. Para *contendas* Paulo usa *dialogismos* que descreve as disputas e debates inúteis e até mal intencionados, que engendram dúvidas e vacilações. Na vida cristã existe a serenidade e a segurança da perfeita submissão, certeza e confiança.

(4) O sinal da *pureza*. Os cristãos devem ser *irrepreensíveis, sinceros e sem mancha*. Cada uma destas três palavras oferece sua própria contribuição à idéia da pureza cristã.

(a) A palavra que traduzimos por *irrepreensível* é *amemptos* e expressa *o que o cristão é no mundo*. Sua vida é de tal pureza que ninguém encontra algo que lhe possa lançar em rosto ou que constitua uma falta. Com freqüência diz-se nos tribunais que a justiça não só deve *ser* justa mas também deve *mostrar-se* justa. O cristão não só deve ser puro, mas também viver uma pureza que seja vista por todos.

(b) A palavra que corresponde a *sinceros* é *akeraios*; expressa *o que o cristão é em si mesmo*. A palavra *akeraios* significa literalmente *sem mistura, não adulterado*. Usa-se, por exemplo, referindo-se ao vinho ou o leite puros ou não misturados com água; também com referência ao metal que não contém liga. Quando se usa com respeito ao nome indica uma *sinceridade* absoluta, quer dizer, motivos para operar que não estão mesclados e que são limpos. A pureza cristã deve produzir uma completa sinceridade de pensamento e comportamento,

(c) A palavra traduzida *sem mancha* é *amomos*; descreve *o que o cristianismo é na presença de Deus*. O termo se vincula particularmente

com os sacrifícios. Aplicado a um sacrifício significa *imaculado* ou *sem mancha* e por isso adequado para ser devotado no altar de Deus. A pureza do cristão deve ser tal que possa suportar até o juízo de Deus. A vida cristã deve ser tal que possa ser oferecida a Deus como um sacrifício irrepreensível. A pureza cristã é irrepreensível perante o mundo, sincera em si mesmo e capaz de suportar o escrutínio de Deus.

(5) O sinal do *esforço missionário*. O cristianismo oferece a todos a palavra de vida; quer dizer, a palavra que dá vida e traz vida. E este empenho missionário tem dois aspectos.

(a) É o oferecimento de uma mensagem; a proclamação do oferecimento do evangelho em palavras claras e inequívocas.

(b) É o testemunho de uma vida. De uma vida absolutamente reta a um mundo torcido, enredado e extraviado. É o oferecimento de luz a um mundo tenebroso. Os cristãos têm que ser a luz do mundo. Paulo fala de astros (*fosteres*) usando o termo conhecido na história da criação: *luzeiros*, a saber, o Sol e a Lua que Deus colocou no firmamento do céu para iluminar a Terra (Gênesis 1:14-18). O cristão oferece e exhibe retidão num mundo tergiversado e luz a um mundo entrevado. Seu esforço missionário é o oferecimento de uma mensagem e a demonstração de uma vida.

## AS FIGURAS PAULINAS

### **Filipenses 2:12-18 (continuação)**

Esta passagem conclui com duas vívidas figuras, típicas da maneira de pensar e escrever de Paulo.

(1) Paulo anseia o progresso cristão e a perfeição dos filipenses em tal medida que no final dos tempos desfrutem a alegria de saber que não correram ou trabalharam em vão.

A palavra *trabalhar* (*kopian*) contém duas possíveis descrições.

(a) Pode descrever graficamente o esforço mais duro e exaustivo. *Kopian* é o trabalho ao extremo de suar e ficar esgotados; descreve o tipo de trabalho em que o homem gasta suas últimas energias.



(b) *Kopian* pode descrever o esforço do treinamento atlético; e o que Paulo diz é que ora para que toda a disciplina do treinamento que se impôs a si mesmo e a carreira que correu não tenham sido em vão.

Um dos rasgos literários dos escritos de Paulo é a predileção pela imagem dos atletas. E não é nada estranho. Em toda cidade grega o ginásio era muito mais que um estabelecimento de mero treinamento físico. No ginásio, Sócrates falava e discutia freqüentemente sobre os problemas eternos: ali os filósofos sofistas, professores ambulantes e pregadores encontravam de ordinário seu auditório. Em toda cidade grega o ginásio não só era o estabelecimento de treinamento físico, mas também o clube intelectual da cidade.

No mundo grego existiam os grandes jogos ístmicos de Corinto, os Jônicos de Éfeso e os maiores de todos, os Olímpicos, que tinham lugar cada quatro anos. As cidades gregas estavam com freqüência em pé de guerra e viviam em disputas, mas quando ocorriam os jogos Olímpicos, qualquer pessoa que fosse à luta que se estava livrando, declarava um mês de trégua e armistício para dar lugar à competição. Não só participavam os atletas, mas também acudiam os historiadores e poetas para pronunciar discursos e ler seus últimos trabalhos e se faziam presentes os escultores, cujos nomes são imortais, para cinzelar as estátuas dos vencedores.

Não há dúvida de que Paulo tinha sido espectador de tais jogos em Corinto e Éfeso. Onde havia multidões ali certamente estaria Paulo para buscar e ganhar os homens para Cristo. Mas além da pregação havia algo nesses concursos atléticos que encontrava uma resposta no coração de Paulo. Conhecia os concursos de luta (1 Coríntios 9:26). A mais famosa de todas as competições eram as carreiras. Observava como o arauto convocava os corredores ao ponto de partida (1 Coríntios 9:27). Via os corredores abrir passagem rumo à meta (Filipenses 3:14) e como o juiz adjudicava o prêmio ao ganhador (2 Timóteo 4:8). Conhecia a coroa de louro do vencedor e sua proclamação (1 Coríntios 9:24; Filipenses 4:1). Conhecia a disciplina e o treinamento rigorosos a que se submetia o

atleta, e as regras e prescrições estritas que devia observar (I Timóteo 4:7,8; 2 Timóteo 2:5). Por isso pede para não ser como um atleta que se treina e se esforça em vão. Para Paulo a maior recompensa de sua vida estava em saber que através dele outros conheciam, amavam e serviam a Jesus Cristo.

(2) Mas no versículo 17 traça outra imagem. Paulo tem o dom particular de falar na linguagem que o povo entende. Está acostumado a tirar sempre suas imagens das circunstâncias ordinárias e das atividades do povo ao qual se dirigia. Já tinha esboçado a imagem dos jogos. Agora usa outra sobre os sacrifícios pagãos. Uma das formas mais comuns do sacrifício pagão era o que se chamava a *libação*. Uma libação consistia em derramar uma taça de vinho como oferenda aos deuses. Por exemplo, cada comida pagã começava e terminava com tal libação como uma espécie de ação de graças antes e depois da comida.

Assim Paulo fala no versículo 17 do sacrifício e do serviço da fé dos filipenses. Considera a fidelidade, a vida cristã e a fé como a oferenda de um sacrifício a Deus como de fato o era. Tem consciência de não estar muito longe da morte porque escreve estando na prisão e à espera do juízo. Por isso diz estar inteiramente disposto a *ser derramado em libação* (*spendesthai*). Paulo quer dizer aos filipenses o seguinte: "A fidelidade de vocês e sua lealdade cristã são já um sacrifício a Deus; e se tiver que enfrentar a morte por Cristo faço-o voluntariamente e prazeroso para que minha vida seja derramada como uma libação aos deuses no altar sobre o qual se realiza o sacrifício de vocês."

Para Paulo morrer por Cristo era um privilégio. Tinha toda a intenção de fazer de sua vida um sacrifício e uma oferenda para Deus, e se isto ocorresse viveria sua mais profunda alegria; por isso os convida de antemão a não lamentar-se, mas sim a alegrar-se. Para Paulo todo chamado ao sofrimento, ao sacrifício e à fadiga era um chamado ao amor de Cristo. Por isso não responde com lamentos e pesar mas com alegria.

---

**O SERVIDOR FIEL****Filipenses 2:19-24**

Paulo não pode ir pessoalmente a Filipos, por isso pensa enviar a Timóteo como representante. Não havia ninguém mais ligado a Paulo que Timóteo. Sabemos muito poucos detalhes sobre sua vida, mas a própria narração de seu serviço a Paulo mostra sua fidelidade.

Timóteo era nativo do Derbe ou da Listra. Sua mãe Eunice era judia e sua avó se chamava Lóide. Seu pai era grego e o fato de que não tivesse sido circuncidado parece demonstrar que Timóteo tinha uma formação e educação gregas (Atos 16:1; 2 Timóteo 1:5). Não podemos dizer como e quando Timóteo se converteu ao cristianismo mas Paulo se encontrou com ele em sua segunda viagem missionária e o considerou digno de poder estar a serviço de Jesus Cristo.

Desde esse momento Paulo e Timóteo estão estreitamente ligados. Paulo fala dele como de seu filho no Senhor (1 Coríntios 4:17). Timóteo estava com Paulo em Filipos (Atos 16), em Tessalônica e Beréia (Atos 17:1-14), em Corinto e em Éfeso (Atos 18:5; 19:21-22) e na prisão de Roma (Colossenses 1:1; Filipenses 1:1). Associou-se a Paulo na escritura de não menos de cinco de suas cartas (1 e 2 Tessalonicenses, 2 Coríntios, Colossenses e Filipenses) e quando escreveu a Roma, Timóteo se uniu a ele, incluindo suas saudações (Romanos 16:21).

Mas o grande serviço de Timóteo consistia em sua disponibilidade: quando Paulo desejasse informação sobre uma Igreja ou queria enviar conselho, alento, assessoramento ou repreensão e não pudesse ir pessoalmente, enviava Timóteo. Assim, Timóteo foi enviado a Tessalônica (1 Tessalonicenses 3:6), a Corinto (1 Coríntios 4:17; 16:10-11) e a Filipos como o vemos aqui (Filipenses 2:19). Sabemos que enfim Timóteo caiu também na prisão por causa de Cristo (Hebreus 13:23).

Timóteo era de suma utilidade porque podia ser enviado a qualquer lugar e sempre estava disposto a ir. Nas mãos de Timóteo uma mensagem estava tão segura como se o próprio Paulo a levasse. Outros

podiam ser consumidos pela ambição egoísta e preocupar-se apenas por seus próprios interesses; mas Timóteo tinha como único desejo servir a Paulo e servir a Cristo em sua Igreja. Timóteo é o patrono de todos aqueles que se sentem muito satisfeitos, ocupando o segundo lugar sempre que possam servir.

## A CORTESIA DE PAULO

### **Filipenses 2:25-30**

Atrás de tudo isto há um episódio dramático. Podemos tentar a reconstrução do fato da seguinte maneira. Quando os filipenses tinham ouvido que Paulo estava na prisão ansiaram poder fazer algo. Enviaram-lhe um presente por mão de Epafrodito. O que não podiam fazer pessoalmente por causa da distância delegaram a Epafrodito. Não só tinham a intenção de que Epafrodito fosse o portador do presente, mas também de que se ficasse em Roma para servir e atender pessoalmente a Paulo. Por certo Epafrodito era um homem valente já que se oferecia para servir pessoalmente a um homem acusado e sob a ameaça da tristeza capital. Por isso mesmo corria o risco considerável de ver-se envolto na mesma acusação. Na verdade Epafrodito arriscou sua vida no serviço de Paulo.

Em Roma Epafrodito caiu doente, possivelmente vítima da conhecida febre romana que às vezes varria a cidade como uma epidemia e um açoite. A enfermidade o tinha levado à beira da morte. Soube que as notícias de sua enfermidade tinham chegado a Filipos e se inquietava porque seus amigos em Filipos estariam preocupados com o que se passava. Mas Deus em sua misericórdia conservou com vida a Epafrodito e poupou a Paulo mais angústias. Agora, Paulo sabia que era tempo de que Epafrodito voltasse para casa. E com toda probabilidade ele foi o portador desta Carta.

Mas havia um problema. A Igreja de Filipos tinha enviado a Epafrodito para estar com Paulo. Não faltariam os que a sua volta o

tachassem de desertor e covarde. Paulo dá aqui um tremendo testemunho de Epafrodito capaz de reduzir ao silêncio toda possível crítica. Neste testemunho Paulo escolhe com cuidado cada palavra. Epafrodito era seu irmão, seu colaborador e seu companheiro de milícia.

Como diz Lightfoot, Epafrodito era um com Paulo no afeto, na atividade e no perigo. Manteve-se de fato na linha de fogo. Logo Paulo continua chamando-o *mensageiro* de parte deles e *seu servo* em sua situação de necessidade. É impossível conservar o matiz destas palavras em qualquer tradução. Para mensageiro utiliza nada menos que o termo *apostolos*. É verdade que *apostolos* significa literalmente *todo aquele que é enviado com um recado*, mas o cristianismo consagrou e enobreceu a palavra. Ao utilizá-la, Paulo, por implicação, coloca a Epafrodito junto com ele e todos os apóstolos de Cristo, com a *elite* espiritual da fé. A palavra que emprega para *servo* é a palavra *leitourgos*. No grego secular esta era uma palavra nobre.

Nos dias da Grécia antiga muitos amavam tanto a sua cidade que com seus próprios recursos e seus próprios gastos se responsabilizavam de certos deveres cívicos importantes. Podia tratar-se de ajudar os gastos de uma embaixada, ou o custo da representação de um importante drama de alguém dos lamosos poetas, ou o treinamento dos atletas que iriam representar a cidade nos jogos ou o equipamento de um navio de guerra e os gastos de uma tripulação a serviço do Estado. Eram sempre dons dadivosos para o Estado. Tais homens eram reconhecidos como *leitourgoi*. Esta é a palavra que Paulo adota e aplica a Epafrodito. Vai a importante palavra cristã *apostolos* e a importante grega *leitourgos*. "Tributem a um homem tal as boas-vindas", diz-lhes, "tenham em honra aos tais porque arriscam suas vidas por Cristo".

Paulo aqui suaviza o caminho para que Epafrodito possa voltar sem dificuldades para casa. Há algo maravilhoso em tudo isto. É comovedor pensar que Paulo, que está na própria sombra da morte preso e à espera do juízo, demonstre tão perfeita cortesia e consideração cristãs para com Epafrodito. Apesar de enfrentar-se com a morte tem tal desapego de si

que se interessa em que Epafrodito não se encontre em situações embaraçosas à sua volta. Paulo era um verdadeiro cristão em sua atitude para com outros; jamais estava tão perdido e imerso em suas próprias adversidades que não pudesse pensar nas de seus amigos.

Nesta passagem há uma palavra que mais tarde teve um uso famoso. A palavra *parboleuesthai*, traduzida *expondo sua vida*, aplica-se ao jogador que aposta tudo numa jogada de dados. O que Paulo diz é que Epafrodito jogou sua própria vida pela causa de Jesus Cristo, arriscando-a temerariamente. Nos dias da Igreja primitiva existia uma associação de homens e mulheres chamados *parabolani*: os jogadores tinham como propósito e objetivo visitar os prisioneiros e doentes, particularmente aos que estavam prostrados por uma enfermidade perigosa e infecciosa.

Em 252 A. C estalou a peste em Cartago; os pagãos arrojavam os corpos de seus mortos e fugiam aterrorizados. O bispo cristão Cipriano reuniu a seus fiéis em assembleia e lhes impôs enterrar aos mortos e cuidar dos doentes na cidade açoitada pela praga. Operando desta maneira, quer dizer, arriscando a própria vida, salvaram a cidade da destruição e a desolação.

O cristão deve possuir uma valentia quase temerária para lançar a vida no serviço de Cristo e dos homens.

A Igreja sempre necessita dos *parabolani*: os que se lançam por Cristo.

### **Filipenses 3**

A alegria inalterável - 3:1

Os maus mestres - 3:2-3

A única circuncisão verdadeira - 3:2-3 (cont.)

Os privilégios de Paulo - 3:4-7

Os méritos de Paulo - 3:4-7 (cont.)

A inutilidade da Lei e o valor de Cristo - 3:8-9

Que significa conhecer a Cristo - 3:10-11

O esforço perseverante - 3:12-16

Um cidadão dos céus que mora na terra - 3:17-21

## A ALEGRIA INALTERÁVEL

### Filipenses 3:1

Aqui Paulo dá importância a dois pontos.

(1) Estabelece o que poderíamos chamar a indestrutibilidade da alegria cristã. Deve haver sentido que tinha feito um grande desafio à Igreja de Filipos. Para seus fiéis existia a possibilidade da mesma classe de perseguição e até da mesma classe de morte que ameaçavam a Paulo. Estavam imersos na luta e na disciplina da vida cristã. De um ponto de vista parecia que ser cristãos fosse uma empresa muito lúgubre. Entretanto, era tudo alegria. “A vossa alegria ninguém poderá tirar”, disse Jesus (João 16:22).

Há certa inalterabilidade na alegria cristã; e é assim porque é alegria *no Senhor*. O cristão está sempre na presença e na companhia de Jesus Cristo. Pode perder tudo, posses e amizades, mas jamais pode perder a Cristo. E por isso até em circunstâncias em que a alegria parecia impossível e nas quais parecesse não haver mais que dor e mal-estar, a alegria cristã perdura, porque todas as ameaças, terrores e desconfortos da vida não podem separar o cristão do amor de Deus em Cristo Jesus, seu Senhor (Romanos 8:35-39).

Em 1756 John Wesley recebeu uma carta do pai de um filho pródigo. Quando o avivamento sacudiu a Inglaterra, o filho estava detento no cárcere dos York. "Prouve a Deus", escrevia o pai, "não deixá-lo morrer em seus pecados. Deu-lhe tempo para arrepender-se, e não só isso, mas também a vontade de arrepender-se". O moço estava condenado à morte por suas maldades; e a carta do pai continua: "Sua paz se acrescentava dia a dia até que no sábado, dia em que tinha que morrer, saiu da cela dos condenados vestido com sua mortalha e subiu à limusine. A seu passo a jovialidade e compostura de seu semblante

assombraram a todos os espectadores". O jovem tinha encontrado uma alegria que nem sequer o patíbulo lhe podia tirar.

Acontece com freqüência que os homens se mantêm com toda integridade frente às grandes tribulações e provas da vida, mas ficam prostrados, fora de si ou irritados pelos inconvenientes mais mínimos. Mas a alegria cristão faz com que os homens aceitem absolutamente tudo com um sorriso.

John Nelson foi um de vos mais famosos entre os primeiros pregadores de Wesley, com quem empreendeu uma missão no Cornwall perto do Land's End. Nelson nos narra o seguinte: "Todo este tempo Wesley e eu dormíamos no solo: ele tinha meu casaco por travesseiro e a minhas eram as notas de Burkitt sobre o Novo Testamento. Depois de estar aqui perto de três semanas, uma manhã, por volta das três, Wesley virou-se e encontrando-se acordado me tocou, dizendo: 'Irmão, tenhamos bom ânimo: Ainda tenho um lado inteiro, porque estou esfolado. . . mas só de um lado!' ". Tinham muito pouco para comer. Uma manhã Wesley tinha pregado com muito resultado: "Quando retornávamos Wesley deteve seu cavalo para recolher amoras, dizendo: 'Irmão Nelson, devemos dar graças porque há amoras em abundância; este é o melhor país que vi para ter estômago, mas o pior de todos para conseguir alimento!' "

A alegria cristã fazia com que Wesley fosse capaz de aceitar os grandes golpes da vida e até de saudar com uma brincadeira as moléstias menores. Se o cristão caminhar com Cristo deve partir necessariamente prazeroso.

(2) Aqui encontramos em Paulo o que poderíamos chamar a necessidade de repetição. Diz que se propõe escrever-lhes sobre coisas das que já antes lhes tinha escrito. Isto conduz a interessante hipótese de que Paulo tivesse escrito mais de uma carta aos filipenses e que essas cartas se perderam, o que não seria nada surpreendente. Paulo escreveu cartas do ano 48 até o 64: durante dezesseis anos. Nós só possuímos treze cartas. A não ser que tenham transcorrido longos anos ou períodos



em que Paulo não empunhasse a pena, muitas de suas cartas devem haver-se perdido. Não é nada estranho que Paulo se refira a cartas anteriores que nós já não possuímos.

Como todo bom professor Paulo nunca temeu a repetição. Bem pode ser que um de nossos enganos seja o desejo de novidade. Mas as grandes verdades salvadoras do cristianismo não mudam. Jamais podemos ouvir o suficiente delas. Os mantimentos essenciais não nos cansam: esperamos comer pão e beber água cada dia de nossa vida. Por isso, também devemos ouvir sempre de novo a verdade que é pão e água para a vida. Que nenhum mestre se inquiete por voltar renovadamente às grandes verdades básicas da fé cristã: este é o caminho para assegurar e proteger a vida de seus ouvintes. Podemos ter desejo das comidas, mas enfim vivemos de mantimentos básicos. A pregação, o ensino e o estudo de coisas marginais podem ter seu atrativo e têm seu lugar, mas as verdades fundamentais nunca se proclamam e ouvirão com a suficiente frequência como para oferecer absoluta segurança espiritual.

## OS MAUS MESTRES

### **Filipenses 3:2-3**

De repente Paulo passa às advertências. Onde quer que Paulo pregasse o seguiam judeus que tentavam desvirtuar seu ensino. Ensinava que só nos salvamos pela graça; que a salvação é um livre dom de Deus; que jamais poderemos merecer e ganhar a graça; que só com humildade e em atitude de oração podemos receber o que Deus nos oferece. Ademais, de acordo com o ensino de Paulo, os dons de Deus são para todos os homens e nações; ninguém fica excluído. Segundo o ensino destes judeus, se alguém queria salvar devia acumular méritos perante Deus mediante as inumeráveis obras da Lei. Devia assim ter uma conta corrente perante Deus, converter a Deus em seu devedor realizando continuamente as obras da Lei. Ensinavam, além disso, que a salvação pertencia aos judeus e a ninguém mais. E que de nada servia Deus ao

homem enquanto este não se circuncidasse, fazendo-se judeu. Paulo oferecia a todos os homens uma salvação pela livre graça de Deus. Mas esses judeus afirmavam que a salvação só pertencia ao judeu e que devia ser merecida pela observância da Lei. Paulo abria a salvação que os judeus reservavam para o judeu a todo mundo, e a fazia depender só da graça de Deus; os judeus fazem depender a salvação do esforço humano. Aqui Paulo refere-se a esses professores judeus que tratavam de anular sua obra. Dá-lhes três apelativos escolhendo os termos de modo que suas acusações recaiam sobre eles mesmos.

(1) “Guardai-vos dos cães”, diz-lhes. Para nós o cão é um animal apreciado; não era o mesmo no Oriente na época de Cristo. O cão era um pária que vagava pelas ruas, algumas vezes em matilhas, caçando entre os desperdícios e montões de lixo, ladrando e grunhindo a todos que encontravam.

J. B. Lightfoot fala dos "cães que rondam as cidades do Oriente, sem casa e sem dono, alimentando-se dos lixos e imundícies das ruas, brigando entre eles e atacando os viandantes". Na Bíblia, o cão é considerado como o mais baixo. Quando Saul atenta contra a vida de Davi a pergunta desta soa: “Após quem saiu o rei de Israel? A quem persegue? A um cão morto? A uma pulga?” (1 Samuel 24:14; cf. 2 Reis 8:13; Salmo 22:16, 20). Na parábola do rico e Lázaro parte da tortura deste, em sua enfermidade e pobreza, é que os cães guias de ruas o chateiam lambendo-lhe as chagas (Lucas 16:21).

Em Deuteronômio a lei põe juntos o preço de um cão e o salário de uma prostituta esclarecendo que nenhum será devotado a Deus (Deuteronômio 23:18). Em Apocalipse a palavra cão se usa para aqueles que por sua impureza estão excluídos da cidade santa (Apocalipse 22:15). O mesmo ocorria no pensamento grego: o cão representava a todo aquele que era considerado desavergonhada e descaradamente impuro. O que é santo jamais deve ser dado aos cães (Mateus 7:5).

Agora, os judeus chamavam assim aos gentios. Um dito rabínico diz: "As nações do mundo são como os cães". Aqui temos, pois, a

resposta de Paulo a esses mestres judeus: "Na orgulhosa justificação de vós mesmos chamais a outros de cães; em vossa soberba nacionalista por ser judeus chamais cães às demais nações. Mas vós mesmos sois os cães porque perverteis vergonhosamente o evangelho de Jesus Cristo". Paulo adota o mesmo epíteto que os mestres judeus aplicavam aos impuros e aos gentios e o devolve. O homem deve cuidar-se sempre de não fazer-se culpado de quão pecados fustiga em outros.

(2) Chama-os *maus obreiros*; praticantes de maldade. Os judeus viviam a absoluta segurança de ser praticantes de justiça: Do seu ponto de vista agir com justiça era observar a Lei, segui-la em seus múltiplos detalhes e cumprir suas inumeráveis regras e descrições. Mas Paulo estava seguro de que a única classe de justiça consiste em render-se livremente à graça de Deus. A doutrina desses judeus tinha como efeito mais afastar os homens de Deus que aproximá-los. Pensavam operar bem mas estavam operando mal. Cada mestre e pregador deve desejar mais ouvir a Deus que propalar suas próprias opiniões, de outra maneira correrá o risco de ser operário do mal justamente quando se estima como operário da justiça.

## A ÚNICA CIRCUNCISÃO VERDADEIRA

### Filipenses 3:2-3 (continuação)

(3) Finalmente os chama os *que insistem em cortar o corpo* (NTLH). No grego há aqui um jogo de palavras que não pode ser traduzido nas línguas ocidentais. Há dois verbos gregos muito semelhantes: *peritemnein* significa *circuncidar*; *katatemnein*, *mutilar*. *Peritemnein* descreve o signo sagrado e o resultado da circuncisão; *katatemnein*, como em Levítico 21:5, descreve a mutilação própria que se proibia, como a castração e coisas pelo estilo. Paulo fala assim: "Vós os judeus pensam estar circuncidados; de fato só estão mutilados".

Qual é o ponto que aqui se enfoca? De acordo com a fé judia a circuncisão tinha sido ordenada a Israel como sinal e símbolo de que

eram o povo que pelo pacto mantinha uma relação particular com Deus. A história do começo deste sinal está em Gênesis 17:9-10. Quando Deus entrou em aliança e relação particular com Abraão a circuncisão se fez o sinal eterno da aliança. Agora, a circuncisão só é um sinal na carne: algo que se faz no corpo do homem. Mas se o homem tem que ter uma relação especial com Deus, se Deus tiver que estar perto desse homem e ele de Deus, requer-se algo mais que uma simples marca em seu corpo. Deve ter certo tipo de mente, coração e caráter. Aqui muitos dos judeus cometiam um engano. Consideravam a circuncisão como suficiente em si para separá-los especialmente para Deus. O ponto de vista era meramente físico: um distintivo que lhes conferia a pertença a Deus e fazia desnecessário todo o resto. Muitíssimo tempo antes de Paulo os grandes mestres e profetas consideraram a circuncisão da carne como insuficiente em si e pensaram no que poderíamos chamar a circuncisão espiritual.

No Levítico o legislador sagrado diz que os corações *incircuncisos* de Israel devem humilhar-se para aceitar o castigo de Deus (Levítico 26:41). O chamado do autor de Deuteronômio diz: "Circuncidai, pois, o vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz" (Deuteronômio 10:16). Diz que o Senhor circuncidará seus corações para que o amem (Deuteronômio 30:6). Jeremias fala do ouvido incircunciso que não ouve a palavra de Deus (Jeremias 6:10). O autor de Êxodo fala dos lábios incircuncisos (Êxodo 6:20). Os grandes pensadores judeus pensaram sempre que a circuncisão física não era nada; era necessária a consagração da mente, do coração e dos lábios.

Paulo diz, portanto: "Se vocês não tiverem nada mais que mostrar senão a circuncisão da carne, se tudo o que têm é uma marca física, então não estão realmente circuncidados, só estão mutilados. Porque a circuncisão real é a consagração a Deus do coração, da mente, do pensamento e da vida".

Por tudo isto diz Paulo que os cristãos são os verdadeiros circuncidados. Estão circuncidados não com um sinal externo ou uma

marca na carne, mas com a circuncisão interior e espiritual da que os grandes legisladores, professores e profetas tinham falado e escrito.

Quais são, pois, os signos da verdadeira circuncisão? Paulo enumera três.

(1) Nós que no Espírito adoramos a Deus. O culto cristão não é questão de ritos ou da observância de detalhes e prescrições legais; o culto cristão é questão do Espírito e o coração. É perfeitamente possível que o homem cumpra uma liturgia elaborada, antiga e impressionante, e entretanto, se mantenha afastado de Deus no íntimo de seu coração. É perfeitamente possível que a pessoa observe meticulosamente todas as práticas externas da religião e, entretanto, siga abrigando em seu coração ódio, amargura, orgulho e rancor. O verdadeiro cristão, o verdadeiramente circuncidado, o homem que de fato se mantém numa relação fiel com Deus, rende culto a Deus não pela observância de práticas externas, mas por uma devoção verdadeira e uma autêntica sinceridade de coração. Seu culto é o amor de Deus, o serviço do homem, a profunda humildade que reconhece seu pecado e cujo deleite é servir.

(2) Em Jesus Cristo está nossa única glória. A única glória do cristão não é o que faz por si mesmo, mas sim o que Cristo faz por ele. O único orgulho do cristão é que Cristo morreu por ele. Sua única vergonha é sua própria pecaminosidade, e sua glória, a cruz.

(3) O cristão não confia na carne nem no meramente humano. O judeu depositava sua confiança no sinal físico e carnal da circuncisão e nas realizações humanas das prescrições e deveres da Lei. O cristão só coloca sua confiança na misericórdia e na graça de Deus, e no amor de Jesus Cristo. O judeu confiava essencialmente em si mesmo; o cristão confia essencialmente em Deus.

A verdadeira circuncisão não é uma marca na carne; é o culto verdadeiro, a verdadeira glória e a verdadeira confiança na graça de Deus em Jesus Cristo nosso Senhor.

---

**OS PRIVILÉGIOS DE PAULO****Filipenses 3:4-7**

Paulo termina de atacar os mestres judeus afirmando que são os cristãos, não os judeus, os que estão circuncidados de verdade, os que constituem o verdadeiro povo da aliança e os que efetivamente estão numa relação especial e única com Deus. Se seus adversários tivessem tentado refutá-lo, pode ser que dissessem: "Mas você é cristão; portanto não sabe do que está falando; não sabe o que é ser judeu". De modo que Paulo mostra suas credenciais. Não o faz para gabar-se nem para que se dê crédito a sua pessoa senão para mostrar que desfrutava de todos os privilégios de que um judeu podia desfrutar e que tinha alcançado tudo o que um judeu podia obter. Sabia o que era ser judeu no mais alto significado da palavra e deliberadamente, com pleno conhecimento e voluntariamente o tinha abandonado por causa de Jesus Cristo. Cada frase deste catálogo de privilégios de Paulo tem um significado especial; passemos revista uma por uma.

(1) Tinha sido *circuncidado ao oitavo dia*. Abraão tinha recebido o seguinte mandato de Deus: "O que tem oito dias será circuncidado entre vós" (Gênesis 17:12); e esta prescrição se repetiu como uma lei permanente em Israel (Levítico 12:3). Com esta declaração Paulo deixa claro que não é um ismaelita, porque estes se circuncidavam aos treze anos (Gênesis 17:25). Nem era um prosélito que tinha ingressado tardiamente à fé judia recebendo a circuncisão na idade amadurecida, Aqui sublinha o fato de ter nascido na fé judia; conhecia seus privilégios e tinha observado suas cerimônias desde seu nascimento.

(2) Era *da linhagem de Israel*. Quando os judeus desejavam sublinhar sua relação especial com Deus num sentido único e exclusivo usavam a palavra *israelita*. Israel era o nome especial que Deus deu a Jacó depois de lutar com ele (Gênesis 32:28). No sentido estrito da palavra a herança privilegiada do povo eleito tinha seu ponto de partida em Israel. Os ismaelitas podiam traçar sua descendência até Abraão, já

que Ismael também tinha sido engendrado por Abraão, em Agar. Os idumeus podiam traçar sua ascendência até Isaque, porque Esaú, o fundador da nação Iduméia também tinha sido filho de Isaque. Mas só os israelitas podiam traçar sua descendência até Jacó a quem Deus lhe tinha dado o nome de Israel. Chamando-se a si mesmo israelita, Paulo sublinhava a pureza absoluta de sua raça e de sua descendência.

(3) Era *da tribo de Benjamim*; quer dizer, não só era israelita, como que pertencia à *elite* de Israel. A tribo de Benjamim tinha um lugar especial na aristocracia israelita. Benjamim era o filho do Raquel, a esposa predileta de Jacó. Dos doze Patriarcas só Benjamim tinha nascido na terra prometida (Gênesis 35:17-18). Da tribo de Benjamim provinha o primeiro rei de Israel: Saul (1 Samuel 9:1-2). E não há lugar a dúvidas de que por esse mesmo rei tinha recebido Paulo seu nome original, Saulo. Quando sob Roboão o reino se rasgou e dividiu e dez das tribos se separaram com Jeroboão, a tribo de Benjamim foi a única coisa que permaneceu fiel ao Judá (1 Reis 12:21). Quando a nação voltou do exílio, o novo núcleo nacional provinha das tribos de Benjamim e Judá (Esdras 4:1). A tribo de Benjamim tinha o lugar de honra na linha de batalha até tal ponto que o grito de guerra de Israel era: “Após ti, ó Benjamim” (Juízes 5:14; Oséias 5:8). A importante festa de Purim, que cada ano se celebrava com grande regozijo, comemorava a libertação que narra o choro do Ester e cuja figura central era o benjamita Mardoqueu. Quando Paulo afirma que pertence à tribo de Benjamim, não só afirma ser um verdadeiro israelita, mas também pertencer à mais alta aristocracia de Israel.

Assim, pois, Paulo demonstra que era desde seu nascimento um judeu temente a Deus e um observador da Lei; sua linhagem era o mais puro dentro da nação judia; pertencia à mais aristocrática tribo dos judeus. Estas eram suas vantagens de nascimento e seus privilégios de berço e formação.

---

**OS MÉRITOS DE PAULO****Filipenses 3:4-7 (continuação)**

Até aqui Paulo deixou assentados os privilégios devidos a seu nascimento judeu. Agora passa a enumerar os méritos que conquistou por livre escolha dentro da fé judia.

(1) Era *hebreu de hebreus*. Isto não é o mesmo que afirmar que era um verdadeiro israelita. O acento é outro. A história dos judeus os mostra dispersos por todo mundo. Em cada povo, em cada cidade e em cada país havia judeus. Havia dezenas de milhares em Roma; em Alexandria mais de um milhão. Agora, esses judeus recusavam obstinadamente assimilar-se às nações entre as quais viviam. Conservavam fielmente sua religião, seus costumes e suas leis. Mas acontecia com freqüência que esqueciam seu idioma. Chegaram a falar o grego porque deviam viver e mover-se num meio ambiente grego. Mas o hebreu não era só o judeu de pura estirpe mas também aquele que deliberadamente mantinha o conhecimento da língua hebréia. Tal judeu falava a língua do país em que vivia mas ao mesmo tempo aprendia com esmero o hebreu, a língua de seus antepassados e tomava suas precauções para não esquecê-la. Paulo afirma não só que é judeu puro-sangue, mas também um judeu que falava o hebreu. Tinha nascido na cidade pagã do Tarso mas foi a Jerusalém para ser educado aos pés de Gamaliel (Atos 22:3). Podia falar com as turfas de Jerusalém em sua própria língua hebréia (Atos 21:40). Assim, pois, a suas afirmações adiciona o fato de que era um judeu tão leal que tinha aprendido o idioma hebreu e não o tinha esquecido.

(2) No que respeita à Lei Paulo era *fariseu*. Paulo faz mais de uma vez esta afirmação (Atos 22:3; 23:6; 26:5). Os fariseus não eram muitos; nunca foram mais de seis mil. Mas eram os corifeus espirituais do judaísmo. Seu próprio nome significa *os separados*. Os fariseus se separaram da vida comum e das tarefas comuns com a finalidade de consagrar suas vidas à observância dos detalhes mais mínimos da Lei.



Paulo não só reclama ser um judeu que reteve sua religião ancestral, mas além disso ter consagrado sua vida inteira a sua observância mais rigorosa e incondicional. Ninguém conhecia melhor por experiência pessoal o que era a religião judia em seu significado mais alto e em suas maiores exigências.

(3) Com respeito ao zelo pela religião, tinha sido *um perseguidor da Igreja*. Para o judeu a maior qualidade religiosa era o zelo. Finéias tinha salvado o povo da ira de Deus e recebeu um sacerdócio eterno por este zelo por seu Deus (Números 25:11-13). O salmista exclama: “O zelo da tua casa me consumiu” (Salmo 69:9). Um zelo ardente por Deus era o emblema de honra e o distintivo da religião judia. Paulo tinha tido tanto zelo que tinha tentado varrer os adversários do judaísmo. Tratava-se de algo que Paulo nunca pôde esquecer. Sempre volta ao tema (Atos 22:2-21; 26:4-23; 1 Coríntios 15:8-10; Gálatas 1:13). Paulo nunca trepidou em confessar sua vergonha, em dizer que num tempo tinha odiado ao Cristo que agora amava, que tinha tratado de eliminar a Igreja que agora servia. Paulo declara assim ter conhecido o judaísmo em toda sua intensidade e até em seu ardor fanático.

(4) Quanto à justiça que podia obter-se pela lei, era *irrepreensível*. A palavra usada é *amemptos*.

J. B. Lightfoot nota que o verbo *memfesthai*, de onde provém o substantivo, significa *culpar por pecados de omissão*. O que Paulo afirma, pois, é que não existe nenhuma exigência da Lei que ele não tenha completo; pode dizer que no atinente à Lei estava à margem de todo reprovação.

Desta maneira Paulo expressa suas qualidades. Era um judeu tão leal que nunca esqueceu a língua hebraica; não só era um judeu religioso, mas também membro da seita mais estrita e disciplinada dos judeus; tinha tido um zelo ardente pelo que pensava que era a causa de Deus; e tinha uma folha de serviços no judaísmo, na qual ninguém podia assinalar uma falta.

Tudo isto Paulo teria podido considerar como um crédito a seu favor no balanço de sua vida; mas quando se encontrou com Cristo, considerou tudo como nada mais que dívidas inúteis e prejudiciais. As coisas em que tinha crido poder glorificar-se eram em realidade completamente inúteis. Toda realização humana devia ser deposto para poder aceitar a livre graça de Cristo. Teve que despojar-se de toda pretensão de honra para poder aceitar, na mais completa nudez e humildade, a misericórdia de Deus em Jesus Cristo.

Desta maneira Paulo demonstra a esses judeus que tinha direito a falar. Não condena o judaísmo de fora como alguém que não tem conhecimento e experiências pessoais do mesmo. Tinha-o vivido em sua máxima expressão e sabia que era nada em comparação com a paz e a alegria de Cristo. Sábia que o único caminho rumo à paz era abandonar de uma vez para sempre o caminho dos logros humanos para aceitar o caminho da graça.

## A INUTILIDADE DA LEI E O VALOR DE CRISTO

### **Filipenses 3:8-9**

Paulo acaba de chegar à conclusão de que todos os seus privilégios e méritos judeus não eram mais que perda total. Mas poderia argüir-se que foi uma decisão precipitada, assumida num momento impulsivo e despreparado e que se lamentaria e rechaçaria. De modo que Paulo diz aqui o seguinte: "Cheguei a esta conclusão e ainda permaneço na mesma. Não se trata de uma decisão feita num impulso do momento; é uma decisão que sigo mantendo."

Nesta passagem há uma palavra chave: *justiça*. *Dikaiosyne* é sempre um termo difícil de traduzir nas Cartas de Paulo. O problema não está tanto em perceber seu significado quanto em encontrar uma palavra que cubra todo seu alcance. Tentemos ver o que é o que Paulo pensa quando fala de justiça. O problema enorme e fundamental da vida é entrar em comunhão com Deus; estar em boas relações com Deus; não

ter a Deus em desconsideração nem esquecê-lo; não temer a Deus nem escapar dEle, mas sim estar em paz, em amizade e em comunhão real com Ele. A essa comunhão se chega por meio da justiça; por meio da classe de vida e conduta e espírito e coração e atitude para com o que Deus deseja. Justamente por isso a justiça em Paulo tem quase sempre o significado de *justa relação com Deus*, ser justo significa estar em justa relação com Deus. Tendo isto em mente tentemos parafrasear esta passagem nem tanto para estabelecer o que Paulo diz como para sondar o que estava no mais profundo de sua mente e coração.

Paulo diz o seguinte: "Toda minha vida estive tratando de obter uma justa relação com Deus. Pensei obtê-lo aderindo-me estritamente à Lei judia; observando o mais mínimo detalhe da Lei. Desta maneira quis agradar e satisfazer a Deus, para obter essa relação justa que desejava com todo meu coração e com toda minha alma. Mas me encontrei com que a Lei e todos seus preceitos eram pior que inúteis para obter este propósito; não eram melhor que *skybala*." A palavra *skybala* tem dois significados. Na linguagem comum era um derivado popular de *kysi ballomena* que significa *o que se joga aos cães*; na linguagem médica significa *excremento, esterco*, como traduzem algumas versões antigas. Desta maneira Paulo diria: "Encontrei que a Lei com todos seus caminhos não tem com respeito a obter uma relação justa com Deus mais utilidade que os desperdícios jogados nos montões de lixo. Por isso renunciei a edificar minha própria bondade; renunciei a tratar de obter essa relação; cheguei-me a Deus em humilde atitude de fé, como Jesus me disse que o fizesse e achei essa comunhão que tinha buscado durante tanto tempo e nunca tinha encontrado."

Paulo tinha descoberto que a relação justa com Deus não se baseia na Lei, mas na fé em Jesus Cristo; ninguém a *obtem*, Deus a *dá*; não se *ganha* pelas obras, mas sim que se *aceita com confiança*.

Paulo, pois, diz: "A partir de minha experiência lhes digo que o caminho dos judeus é errado e fútil. Jamais chegarão a uma relação justa com Deus por meio de seus próprios esforços e suas próprias realizações

na observância da Lei. Somente poderão chegar a uma relação justa com Deus tomando a palavra a Jesus Cristo e aceitando o que Deus mesmo lhes oferece. O caminho à paz com Deus não é o caminho das obras, mas sim o da graça."

O pensamento fundamental desta passagem é, portanto, a inutilidade da Lei e a suficiência do conhecimento de Cristo e da aceitação da graça de Deus para estar em paz com Deus. E a mesma linguagem que Paulo usa para descrever a Lei — esterco, desperdício, lixo — mostra o desgosto extremo a que o tinham levado seus vãos e ineficazes esforços para viver por ela. A alegria que a passagem transcreve mostra com que triunfal suficiência encontrou a graça de Deus em Jesus Cristo.

## QUE SIGNIFICA CONHECER A CRISTO

### **Filipenses 3:10-11**

Paulo já falou da excelência do conhecimento de Cristo e do valor superior deste conhecimento. Agora volta para este pensamento e esclarece com mais precisão seu significado. É importante advertir o verbo que Paulo usa para conhecer. É parte do verbo *ginoskein* que quase sempre indica um conhecimento pessoal. Não se trata simplesmente do conhecimento intelectual; não é o conhecimento de certos fatos, teorias ou princípios. Trata-se da experiência pessoal de outra pessoa. Podemos captar a profundidade deste verbo por seu uso no Antigo Testamento. O verbo *conhecer* indica ali a relação sexual. “Conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu, e teve a Caim” (Gênesis 4:1). O verbo hebreu *yadá* que se traduz em grego por *ginoskein* indica o conhecimento mais estreito, mais íntimo e mais pessoal de outra pessoa. Paulo não fala de um *conhecimento a respeito de Cristo* mas sim de um *conhecer a Cristo* pessoalmente. O conhecimento em questão não tem por objeto algum fato, teoria ou teologia: é o conhecimento de uma pessoa. Conhecer Cristo significa, segundo Paulo, algumas coisas.

(1) Significa conhecer *o poder de sua ressurreição*. Para Paulo a ressurreição não constituía um fato passado da história, por assombroso que fosse; não era simplesmente algo que havia ocorrido a Jesus, por importante que fosse para ele. Era um poder dinâmico vivo que operava na vida de todo cristão. Não podemos saber tudo o que Paulo quer dizer com esta frase, mas a ressurreição de Cristo é a grande força que se orienta pelo menos em três direções diferentes.

(a) Demonstra a importância desta vida e do corpo em que vivemos. Cristo ressuscitou no corpo e é esse corpo o que santifica (1 Coríntios 6:13 ss.). O fato da ressurreição corporal de Jesus Cristo é a garantia da importância do corpo humano e da vida presente que vivemos.

(b) É a garantia da imortalidade e da vida vindoura (Romanos 8:11; 1 Coríntios 15: 14 ss.). Porque ele vive também nós viveremos. Sua conquista é nossa conquista, sua vitória é a nossa.

(c) É garantia de que na vida, na morte e mais além da morte o ressuscitado estará sempre presente conosco. É prova de que sua promessa de estar sempre conosco e até o fim do mundo é veraz. A ressurreição de Cristo é garantia de que esta vida é digna de ser vivida e de que para Deus o corpo físico é sagrado; que a morte não é o fim, mas que há depois outra vida; que nada na vida ou na morte pode nos separar de Cristo.

(2) Significa conhecer a *participação de seus padecimentos*. Paulo sempre volta ao pensamento de que quando o cristão tem que padecer, de alguma estranha maneira participa dos mesmos sofrimentos de Cristo e os completa (2 Coríntios 1:5; 4 10-11; Gálatas 6:17; Colossenses 1:24). Sempre que o cristão sofra ou tenha que levar sua cruz participa dos sofrimentos de Cristo e ajuda a *carregar* sua cruz. Sofrer pela fé não é uma tristeza, mas sim um privilégio; desta maneira participamos da mesma obra e tarefa de Cristo.

(3) Significa estar *tão unidos a Cristo que cada dia participemos mais em sua morte para ter enfim parte em sua ressurreição*. Conhecer Cristo é identificar-se tanto com Ele que participemos de sua mesma

experiência: comportar-se como Ele se comportou; levar sua cruz; morrer sua morte e, finalmente, viver a vida que Ele vive para sempre.

Conhecer Cristo não é ser perito em algum conhecimento teórico ou teológico; é ter sua experiência e conhecê-lo tão a fundo que no final estejamos unidos com Ele como o estamos com aquelas pessoas que amamos na Terra; e que assim como participamos das experiências destas participamos também da sua.

## O ESFORÇO PERSEVERANTE

### Filipenses 3:12-16

Esta passagem está misturada por uma palavra e uma idéia cujo significado não é tão fácil de entender no original grego, mas que é difícil traduzir. É o termo *perfeito*. No versículo 12 Paulo diz que não fala como se já fosse *perfeito*; e logo, no versículo 15 fala dos que são *perfeitos*.

A palavra que usa é *teleios*, que em grego tem uma variedade de significados relacionados entre si. A maioria destes sentidos não se referem ao que poderíamos chamar uma perfeição filosófica e abstrata mas sim a uma sorte de perfeição funcional. Significa adequação para um dado encargo. Fazemos uma lista dos significados mais importantes; significa desenvolvido plenamente em contraposição a não desenvolvido — por exemplo, um homem amadurecido em contraposição a um jovem —: usa-se do homem de *mente amadurecida* em oposição a principiante em algum estudo: por exemplo, *do que esteja capacitado numa matéria* em oposição ao mero aprendiz. Quando se trata de oferendas significa *sem mancha* e adequado para ser devotado a Deus. Aplicado aos cristãos freqüentemente designa os *batizados como membros plenos da Igreja* e em oposição aos que ainda estão sob instrução ou que ainda não estão em condições de ser membros da Igreja. Na época da Igreja primitiva se usava ordinariamente para descrever os *mártires*. Dizia-se que o mártir era *aperfeiçoado pela espada*; no dia de sua morte se chamava o dia de

seu *aperfeiçoamento*. A idéia é que o testemunho do cristão e sua maturidade não podem ir mais além do martírio.

Quando Paulo usa assim o termo no versículo 12 diz que de maneira nenhuma é um cristão perfeito, mas sim prossegue sempre seu caminho. Logo usa duas vividas imagens.

(1) Tenta agarrar aquilo para o qual foi agarrado por Jesus Cristo. Trata-se de uma concepção maravilhosa. Paulo sentia que quando Jesus Cristo o tinha detido no caminho a Damasco abrigava um sonho, uma visão e um propósito para o qual o tinha agarrado; e se sentia obrigado a prosseguir toda sua vida na marcha, para não desagradar a Jesus, falhando e frustrando o sonho e o propósito para o qual o tinha agarrado. Cada homem é agarrado por Cristo com certa finalidade; cada homem é um sonho de Jesus. Por isso cada homem deve avançar durante toda sua vida no prosseguimento e realização do sonho e do propósito para o qual foi agarrado por Cristo.

(2) Para este fim Paulo diz duas coisas. Esquece o que está por trás, quer dizer, jamais se glorifica em alguma de suas conquistas pessoais; jamais usa algum trabalho desempenhado como desculpa para deixar-se estar no futuro. Em realidade, diz que o cristão deve esquecer tudo o já feito para lembrar só o que deve fazer. Na vida cristã não deve haver lugar para uma pessoa ou para uma Igreja que desejam descansar sobre seus louros. Logo diz que se *estende ao que está adiante*. A palavra que aqui usa é muito gráfica (*epekteinomenos*), aplica-se ao corredor que balança rapidamente rumo à linha de chegada. Não olhe mais que à meta. Descreve-o com os braços quase arranhando o ar, com a cabeça para frente e com o corpo estendido rumo à meta. O homem corre como *estendido* ao término. Assim, pois, Paulo diz que na vida cristã devemos esquecer toda conquista passada e ter presente só a meta que sempre está diante de nós.

Não há dúvida de que Paulo fala aqui com antinomianos. Estes negavam que existisse absolutamente lei alguma na vida cristã. Declaravam que estavam na graça de Deus e que por isso não importava

o que fizessem, Deus os perdoaria; desfrutavam de uma segurança absoluta; não se requeria nenhuma disciplina e nenhum esforço ulterior. Paulo insiste em que a vida cristã é até o fim a de um atleta que prossegue sua carreira por volta de uma meta que sempre está adiante.

Logo no versículo 15 aparece de novo a palavra *teleios*. Esta deve ser a atitude daqueles que devem ser *teleios*, *perfeitos*. Paulo pensa o seguinte: "Qualquer que, tendo iniciado no cristianismo, tenha chegado à maturidade na fé e ao conhecimento de sua religião, deve sentir o mesmo: aceitar a disciplina, o esforço e a agonia da vida cristã". Pode ter outra forma de pensar, mas se for honesto Deus lhe mostrará com clareza que jamais deve deixar-se estar em seus esforços ou diminuir suas normas mas sim ir sempre para frente: rumo à meta, rumo ao fim. Na mente de Paulo o cristão não é outra coisa senão um atleta de Cristo.

## UM CIDADÃO DOS CÉUS QUE MORA NA TERRA

### Filipenses 3:17-21

Poucos são os pregadores que se atreveriam a fazer o convite com que Paulo começa esta seção.

J. B. Lightfoot traduz da seguinte maneira: "Rivalizem cada um de vós em me imitar". A maioria dos pregadores começam com a séria trava de que devem dizer, não "façam o que eu faço", mas sim "façam o que eu digo". Mas Paulo não só dizia "escutem minhas palavras", mas também "sigam meu exemplo".

É digno de notar de passagem Bengel — um dos notáveis intérpretes da Escritura — traduzia esta passagem de modo diferente: "Façam-se comigo imitadores de Jesus Cristo". Bengel pensa que Paulo convida os filipenses a unir-se a ele na imitação de Jesus Cristo; mas é muito mais provável — e quase todos os intérpretes estão de acordo com isto — que Paulo tenha convidado a seus amigos não simplesmente a escutá-lo mas também a imitá-lo.



Havia na Igreja de Filipos aqueles que era um aberto escândalo por sua conduta, e por seu modo de viver demonstravam ser inimigos da cruz de Cristo. Não se sabe com inteira certeza quais eram estes, mas consta que viviam uma vida de gulodice e imoralidade e usavam seu assim chamado cristianismo para justificar-se. Só podemos conjecturar quem podem ter sido.

Podem ter sido os gnósticos. Estes eram hereges que tratavam de intelectualizar o cristianismo e fazer do mesmo uma espécie de filosofia. Como ponto de partida afirmavam que do começo do tempo só existiam duas realidades: o espírito e a matéria. O espírito, diziam, é completamente bom e a matéria completamente má. E porque o mundo foi criado de uma matéria essencialmente má e defeituosa existe o pecado e o mal na mesma. Os gnósticos argumentavam da seguinte maneira: se a matéria for essencialmente má, então também o é o corpo; e porque este é matéria será sempre mau faça o que fizer. Por esta razão pode-se fazer tudo o que se quer com o corpo; deve-se satisfazer e saciar os apetites. Visto que é mau, resulta indiferente o que se faça. Por essa razão os gnósticos ensinavam que a glotonaria, o adultério, a homossexualidade e a embriaguez carecem de importância porque só afetam a um corpo, e este carece de importância.

Outro grupo de gnósticos mantinham um ponto doutrinário diferente. Argumentavam que um homem não podia ser chamado homem enquanto não experimentasse tudo o que a vida tinha para lhe oferecer, tanto o bem como o mal. Por esta razão diziam que era dever do homem tanto afundar-se nas profundidades do pecado como escalar as alturas da virtude. Para este grupo o pecado não é nada menos que um dever para que a experiência seja completa.

Dentro da Igreja havia duas categorias às que se podiam aplicar estas acusações. Os que tergiversavam o princípio da liberdade cristã diziam que no cristianismo tinha caducado toda lei e que o cristão tinha perfeita liberdade para fazer o que for de seu agrado. Em outras palavras, permutavam a liberdade cristã em libertinagem anticristão e se

glorificavam de dar livre curso a suas concupiscências e paixões. Por sua parte, os que distorciam a doutrina cristã da graça diziam que esta é suficientemente ampla para cobrir todo pecado e toda mancha: que o amor de Deus é suficientemente grande para perdoar todo pecado; portanto, que o homem peque à vontade e sem preocupar-se; para a graça de Deus que todo perdoa é o mesmo.

Assim, pois, os que Paulo ataca podem ter sido o grupo dos gnósticos que construía argumentos enganosos para justificar seus pecados, ou cristãos extraviados que tergiversavam o mais sublime com a mesma finalidade.

Fosse quem fosse, Paulo lembra-os de uma grande verdade: "Sua cidadania", diz-lhes, "está nos céus". Estamos diante de uma imagem que os filipenses podiam entender bem. Filipos era uma colônia romana. Estas colônias eram lugares assombrosos. Os romanos as disseminavam como centros militares estratégicos. Não se trata de nossas colônias modernas em lugares selvagens e inexplorados mas sim de lugares que dominavam os grandes centros de rotas, os passos das montanhas e os caminhos pelos que deviam partir os exércitos. Nestes lugares os romanos estabeleciam colônias cujos cidadãos eram principalmente soldados que tinham terminado sua carreira — vinte e um anos — e que recebiam em recompensa a plena cidadania romana.

Agora, estas colônias se caracterizavam por ser em qualquer lugar que se encontrassem — fragmentos de Roma. Não importava onde estivessem, usavam-se vestimentas romanas, eram governadas por magistrados romanos, falava-se o latim, administrava-se a justiça romana, observava-se a moral romana. Ainda que estivessem nos limites da Terra estas colônias permaneciam imperturbável e inalteravelmente romanas. Paulo, pois, diz aos filipenses: "Assim como os colonos romanos nunca esquecem que pertencem a Roma, assim também vocês jamais devem esquecer que são cidadãos dos céus; sua conduta deve concordar com sua cidadania". Seja onde for que o cristão se encontre, sua conduta deve demonstrar que é cidadão do reino dos céus.

Finalmente, Paulo refere-se à esperança cristã. O cristão espera a vinda de Cristo que mudará todas as coisas. Quer dizer que em nossa condição presente nossos corpos estão sujeitos à mudança, à decadência, à fraqueza, à enfermidade e à morte; são corpos de homens mortais; os corpos *de nossa humilhação*, em contraposição ao corpo glorioso do Cristo ressuscitado. Vem o dia — diz Paulo — em que deporemos este corpo mortal para ser semelhantes ao próprio Jesus Cristo. O cristão cifra sua esperança em que um dia sua humanidade seja mudada nada menos que na divindade do próprio Cristo, e a baixeza necessária da mortalidade no esplendor essencial da vida imortal e eterna.

## **Filipenses 4**

Grandezas no Senhor - 4:1

Corrigindo brechas - 4:2-3

As características da vida cristã - 4:4-5

A paz da oração confiante - 4:6-7

Verdadeiros terrenos da mente - 4:8-9

O verdadeiro ensino e o verdadeiro Deus - 4:8-9 (cont.)

O segredo do verdadeiro contentamento - 4:10-13

O valor do donativo - 4:14-20

Saudações - 4:21-23

## **GRANDEZAS NO SENHOR**

### **Filipenses 4:1**

Esta é uma passagem que transcreve o afeto de Paulo a seus inimigos filipenses. Paulo os ama e sente ânsias por eles que são sua alegria e sua coroa. Aqueles que levou a Cristo são sua maior alegria justamente quando se vê circundado de trevas. Todo professor e pregador sabe da emoção de poder assinalar a alguém e dizer "Este é um de meus filhos". É muito gráfica a descrição que jaz nas palavras que indicam aos filipenses como coroa. Em grego existem duas palavras

diferentes para *coroa*: *diadema* significa *coroa real* mas *stefanos* — a palavra que se usa neste texto — tem duas aplicações.

(1) Era a coroa do atleta que saía vitorioso nos jogos gregos e que era feita de folhas de oliveira brava entretecidas com salsinha verde e folhas de louro. Ganhar esta coroa era a ambição suprema do atleta.

(2) Era a coroa com que se coroava os hóspedes quando participavam num banquete ou numa festa nas grandes celebrações. É como se Paulo dissesse que os filipenses são a coroa de todas suas fadigas, esforços e empenhos: ele era o atleta de Cristo e eles seu coroa. É como se dissesse que no banquete final de Deus os filipenses seriam sua coroa festiva. Não há no mundo alegria semelhante à de levar uma alma a Jesus Cristo. Nos primeiros quatro versículos deste quarto capítulo se acham três vezes as palavras *no Senhor*.

Há três mandamentos importantes que Paulo dá *no Senhor* e que só podem cumprir-se *no Senhor*.

(1) Os filipenses devem estar *firmes* no Senhor. Somente com Jesus Cristo pode o homem resistir as seduções da tentação e a fraqueza da covardia. A palavra que Paulo usa para *estar firmes* (*stekete*) é a que aplicaria ao soldado que sustenta com firmeza o ímpeto da batalha frente a um inimigo que quer superá-lo. Sabemos perfeitamente que há pessoas com as que é fácil operar o mal e outras, pelo contrário, com as que resulta fácil resisti-lo. Algumas vezes ao jogar um olhar para trás e lembrar o momento de um engano, desencaminhamento, aquecimento na tentação ou algo vergonhoso, dizemos pateticamente pensando em alguma pessoa querida: "Se ele ou ela tivesse estado ali, jamais me teria acontecido isto". Nossa única segurança contra a tentação é estar *no Senhor*, lembrá-lo sempre, caminhar sempre com Ele e sentir sempre sua presença em torno de nós.

A Igreja e o cristão podem persistir com firmeza só se estiverem em Cristo.

(2) Paulo pede que Evódia e Síntique sejam de *um mesmo sentir* no Senhor. Não pode haver unidade sem que esta se dê em Cristo. Não

podemos nos amar uns aos outros, a não ser que amemos a Cristo. Nos assuntos comuns dos homens acontece com freqüência que os indivíduos mais divergentes se mantêm unidos a uma causa comum porque se sentem comprometidos com um grande condutor. A lealdade mútua depende inteiramente da lealdade ao condutor. Tire o condutor e todo o grupo se desintegra em unidades isoladas e com freqüência adversas. Os homens jamais poderão amar-se mutuamente até que amem a Jesus Cristo. A irmandade do homem é impossível sem o senhorio de Jesus Cristo.

(3) Paulo pede que os filipenses se *alegrem* no Senhor. O que todos precisam aprender da alegria é que não tem nada que ver com as coisas materiais ou as circunstâncias externas ao homem. É uma simples realidade da experiência humana que um homem que vive entregue à luxúria pode sentir-se miserável, e que um homem que vive nas profundezas da pobreza pode transbordar de alegria. Alguém que aparentemente jamais sentiu algum reverso pode ver-se lúgubre e lastimosamente descontente, enquanto que outro que sofreu todos os embates possíveis da vida pode viver a serenidade de uma alegria indestrutível.

Em seu discurso breve aos estudantes da universidade de São André, o reitor J. M. Barrie citava a carta imortal que o capitão Scott, da Antártica lhe tinha escrito quando o sopro frio da morte se abatia sobre sua expedição: "Estamos exaustos num lugar inteiramente desolado... nossa situação é desesperada: os pés gelados, etc., sem combustíveis e a longa distância dos mantimentos. Mas alegraria seu coração estar em nossa carpa ouvindo nossos cânticos e nossa alegre conversação".

O segredo está em que uma das leis fundamentais da vida é que a felicidade não depende das coisas ou dos lugares, mas sim unicamente das pessoas. Se estamos com a pessoa adaptada, nenhuma outra coisa importa; e se não estamos com essa pessoa, não há nada que possa suprir sua ausência. Na pessoa de Jesus Cristo, no Senhor, encontra-se conosco

o melhor amigo e aquele que mais nos ama; e nEle nada pode nos arrebatara nossa alegria.

## CORRIGINDO BRECHAS

### Filipenses 4:2-3

Estamos frente a um dessas passagens sobre os quais queríamos saber muito mais. Por certo que no fundo pulsa todo um drama; há angústia e acontecimentos importantes mas nada sabemos das *dramatis personae*, só podemos fazer conjecturas. Em primeiro termo determinou problemas que têm que ser resolvidos com relação aos nomes que aparecem nesta passagem. Fala-se de Evódia e Síntique. Síntique é o nome de uma mulher e Evódia poderia ser o de um varão. Uma conjectura antiga diz que Evódia e Síntique teriam sido o carcereiro de Filipos e sua esposa (Atos 16:25-34) que teriam chegado a ser líderes da Igreja de Filipos mas logo chegaram a estar em desavença. Mas o certo é que Evódia é um nome de mulher. Portanto Evódia e Síntique eram duas mulheres que estariam inimizadas.

Pode ser que fossem duas mulheres em cujas casas se reuniam duas das congregações da comunidade filipense. É de sumo interesse ver as mulheres desempenhando um papel tão destacado nos afazeres de uma das primeiras congregações. Na Grécia as mulheres costumavam permanecer muito na retaguarda. O ideal dos gregos era que uma mulher respeitável "visse, ouvisse e perguntasse tão pouco como fora possível". Uma mulher respeitável nunca se apresentava sozinha na rua; tinha suas próprias habitações na casa e jamais se reunia com os membros masculinos da família, nem sequer para comer. Menos ainda participava da vida pública. Mas Filipos estava na Macedônia onde as coisas aconteciam de modo muito distinto. Aqui as mulheres desfrutavam de liberdade e desempenhavam um papel na vida pública como em nenhuma parte do resto da Grécia.

Podemos apreciar esta situação até no relato de Atos que refere a obra de Paulo na Macedônia. O primeiro contato de Paulo em Filipos foi numa reunião de oração onde falou com umas mulheres que se tinham congregado à beira de um rio (Atos 16:13). Lídia era certamente a figura líder de Filipos (Atos 16:14). Em Tessalônica muitas das mulheres principais tinham sido ganhas para o cristianismo; o mesmo aconteceu em Beréia (Atos 17:4,12). O testemunho das inscrições corrobora o fato. Lemos que uma mulher erigiu uma tumba para ela e seu marido com seus lucros comuns de modo que deve ter-se dedicado ao comércio. Até há monumentos erigidos a mulheres por organismos públicos. Sabemos que em várias das Igrejas paulinas, como por exemplo em Corinto, as mulheres tinham que contentar-se com um lugar muito subordinado. Mas também quando pensamos na atitude de Paulo para com as mulheres na Igreja, e o lugar das mulheres na Igreja primitiva vale a pena lembrar que nas Igrejas da Macedônia as mulheres tinham certamente um papel principal.

Aqui há outra questão que suscita dúvida. Nesta passagem há alguém a quem Paulo chama *fiel companheiro* (B.J., leal companheiro). É possível que se trate de um nome próprio (*Sízigo*, Bíblia de Jerusalém). A palavra fiel (*gnesios*) significa genuíno. Pode ser que aqui estejamos diante de um jogo de palavras. Paulo diria: "Peço-te, Sízigo, — e com razão você assim se chama, venha em ajuda". É como se se dissesse: "É Sízigo — companheiro — com o nome de e Sízigo, companheiro por natureza". Se Sízigo (*synzygos*) não é um nome próprio, ninguém sabe quem seja a pessoa do destinatário. Fizeram-se toda sorte de sugestões e conjeturas. Pensou-se que companheiro fiel é a esposa de Paulo; que é o marido de Evódia ou Síntique a quem se insiste a ir em ajuda de sua mulher para emendar a questão; que é Lídia, Timóteo, Silas, ou o ministro fiel da Igreja de Filipos. Talvez a melhor sugestão seja a que se refere a Epafrodito, o portador da carta, a quem Paulo não só lhe teria confiado esta missiva mas também a tarefa de restabelecer a paz em Filipos. Da outra pessoa chamada Clemente não sabemos nada. Mais

tarde houve um Clemente famoso, Bispo de Roma, que pôde ter conhecido a Paulo. Mas trata-se de um nome comum e não sabemos quem pôde ter sido este Clemente.

Notemos aqui duas coisas.

(1) É significativo ver que quando havia desavenças na Igreja de Filipos. Paulo punha em movimento todos os recursos da Igreja para corrigi-las. Para Paulo nenhum esforço era muito grande se tendia a manter a paz na Igreja. Uma Igreja briguenta não é uma Igreja, porque arroja Cristo fora e não lhe permite o acesso. Ninguém pode estar em paz com Deus e em desavença com seus irmãos.

(2) É triste que tudo o que sabemos de Evódia e Síntique é que se trata de duas mulheres que haviam renhido. Isto nos faz pensar. Suponhamos que nossa vida se deva resumir numa só sentença, qual seria essa sentença? Suponhamos que passemos à história por um único fato conhecido, qual seria esse fato? Clemente passou à história como pacificador; Evódia e Síntique como as quebrantadoras da paz. Qual seria o veredicto de uma frase sobre nossa vida no mundo e na Igreja?

## AS CARACTERÍSTICAS DA VIDA CRISTÃ

### **Filipenses 4:4-5**

Aqui Paulo propõe aos filipenses duas grandes qualidades da vida cristã.

(1) A primeira qualidade é a alegria. "Alegrai-vos", diz, "outra vez digo: Alegrai-vos!" É como se dissesse "Alegrai-vos!" e de repente se apresentasse perante sua mente o quadro de tudo o que ia acontecer. Ele mesmo estava na prisão à espera de uma morte quase segura. Os filipenses estavam no começo do caminho cristão e pressentiam inevitavelmente dias tenebrosos, de perigos e perseguições. Paulo diz: "Sei o que estou dizendo. Pensei em tudo o que possivelmente pode acontecer e entretanto, digo-lhes: Alegrai-vos!"



A alegria cristão é independente de todo o terrestre porque tem sua fonte na contínua presença de Cristo. Os que se amam são sempre felizes enquanto estejam juntos não interessa onde se achem. Esta é a razão pela qual o cristão nunca perde sua alegria: Jamais pode perder a Jesus Cristo.

(2) Paulo continua “Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens”. A palavra que corresponde a moderação (RA) é uma das mais difíceis de traduzir do grego. O substantivo é *epieikeia* e o adjetivo *epieikes*. A dificuldade de tradução se torna de ver pelo número de termos com que foi traduzida. Vejamos em primeiro termo as traduções mais antigas: Wicliffe tem *paciência*, Tyndale *brandura*, Cranmer *brandura*, a Bíblia de Genebra *memore paciente*; a Bíblia do Rheims *modéstia*. Entre as versões modernas a inglesa Revisada traduz *indulgência* mas sugere à margem *gentileza*; a Nova Versão Internacional, traduz *amabilidade*; a versão Hispano Americana, *amabilidade*; a Bíblia de Jerusalém, *moderação*; o mesmo que a RA. Nacar-Colunga, *modéstia*.

Vejamos como davam razão deste termo os próprios gregos. Diziam que a qualidade da *epieikeia* era "justiça e algo melhor que justiça", que a *epieikeia* devia ter lugar naqueles casos em que a estrita justiça se tornava injustiça por sua generalização. Uma lei, uma regra ou uma condição podem ser justas em si mesmas; mas podem dar-se casos de situações individuais em que a lei perfeitamente justa se torna injusta ou, quando, para usar termos modernos, a justiça não se adapta à equidade. Um homem tem a qualidade da *epieikeia* se souber quando não deve aplicar a letra estrita da lei, quando deve abrir mão da justiça e introduzir a misericórdia.

Vejamos um exemplo simples que na vida diária pode acontecer ao professor. Suponhamos dois estudantes cujas provas escritas examinamos. Aplicamos a justiça e vemos que um merece um oito e o outro um cinco. Do ponto de vista da justiça não se pode objetar nada contra esta qualificação. Mas demos outro passo. Damos conta que aquele que recebeu oito desfrutou de condições ideais para realizar seu

trabalho: possuía livros, dispunha de tempo, de paz e de uma habitação tranqüila; não teve nenhuma preocupação nem distração. Tudo estava a seu favor. Mas sabemos que aquele que obteve cinco provém de uma casa pobre onde se dispõe do mínimo necessário, ou pode ter estado doente ou ter passado recentemente por alguma tristeza ou tensão ou estresse. Todas as circunstâncias se confabularam contra este estudante. Em justiça esta pessoa mereceu cinco, nada mais; mas a *epieikeia* valorará muito mais seu exame. Mais além de toda justiça merece eqüitativamente muito mais.

*Epieikeia* é a qualidade do homem que sabe que as leis e prescrições não são a última palavra; do homem que sabe quando não se tem que aplicar a letra da Lei. Uma assembléia eclesiástica pode fazer a sessão tendo aberto sobre a mesa o livro de práticas e procedimentos; cada uma de suas decisões pode estar estritamente de acordo com as leis da Igreja. Mas todo o mundo sabe que há circunstâncias nas quais o bem de algum membro, ou até da Igreja toda, e o tratamento cristão de alguma situação exigem que esse livro permaneça fechado e não se imponha como última palavra. Para Paulo, o cristão é o homem que sabe que para ele há algo mais além da justiça. Jesus não aplicou a letra da Lei (segundo a qual devia executar-se a lapidação) à mulher surpreendida em adultério. Foi mais além da justiça. De acordo com a justiça nenhum de nós merece outra coisa senão a condenação divina; mas Deus vai mais além da justiça. Paulo estabelece que uma característica do cristão em suas relações pessoais com o próximo é que sabe quando deve insistir na justiça e quando não, e que lembra sempre que há algo que está mais além da justiça, que faz o homem semelhante a Deus.

E por que o homem tem que ser assim? Por que tem que possuir esta alegria, gentileza e bondade em sua vida? Porque — diz Paulo — o Senhor está às portas. Se tivermos em mente a vinda triunfal de Cristo, jamais perderemos nossa esperança e nossa alegria; se lembrarmos que a vida é curta e o fim se aproxima, não desejaremos fazer valer uma justiça implacável que com freqüência divide os homens; desejaremos que

nosso trato com outros se inspire no amor, como esperamos ser tratados por Deus. A justiça é humana mas a *epieikeia* é divina.

## A PAZ DA ORAÇÃO CONFIANTE

### Filipenses 4:6-7

Para os filipenses a vida devia ser forçosamente algo inquietante. Já o ser um ser humano, estar envolto na situação humana e ser vulnerável a todos os azares e mudanças desta vida mortal é em si mesmo algo inquietante; e na Igreja primitiva à preocupação normal da situação humana se adicionava a preocupação de ser cristão em circunstâncias em que por esta causa se arriscava a própria vida. A solução que Paulo oferece é a oração. Como o expressa M. R. Vincent: "A paz é o fruto da oração de fé".

Esta passagem encerra na síntese mais apertada toda uma filosofia da oração.

(1) Paulo sublinha que podemos levar tudo a Deus em oração. Devemos orar, pedir e dar graças em *tudo*. Como tem-se dito belamente: "Não há nada muito grande para o poder de Deus nem muito pequeno para seu cuidado paternal". Um menino pode levar tudo, grande a pequeno, a seu pai. Assim nós podemos levar tudo a Deus. Um menino pequeno tem absoluta segurança de que tudo o que lhe acontece é de interesse para seu pai e sua mãe. Seus pequenos triunfos e insipidezes, seus ferimentos e machucados e tudo aquilo de que gosta, conta-o a seus pais sem duvidar de que será ouvido no mais mínimo, com atenção e agrado. Exatamente assim devemos nos comportar com Deus.

(2) Podemos oferecer a Deus nossas orações, súplicas e petições. Podemos orar por *nós mesmos*; pelo perdão do *passado*; pelas coisas que necessitamos no *presente* e pela ajuda e direção para o futuro. Podemos levar nosso próprio passado, presente e futuro, com o que têm de vergonha, necessidade e temor e pô-lo na presença de Deus. Podemos

orar por *outros*; encomendar ao cuidado de Deus a todos aqueles que estão perto ou longe e que permanecem para sempre em nossa lembrança e em nossos corações.

(3) Paulo adiciona que "a ação de graças deve acompanhar habitualmente a oração". Era sua convicção que toda oração devia incluir ação de graças. O cristão deve sentir, como tem-se dito, toda a vida "como suspensa entre as bênçãos do passado e do presente". A oração deve incluir a ação de graças em primeiro lugar pelo mesmo grande privilégio de orar. Jamais esqueçamos de dar graças pelo privilégio de poder levar todos a Deus mediante a oração. Paulo insiste em que o agradeçamos tudo, tanto a risada como as lágrimas, as tribulações como as alegrias. Isto implica duas coisas: *gratidão* mas também *perfeita submissão* à vontade de Deus. Somente quando estamos profundamente convencidos de que Deus faz com que tudo contribua para o bem, experimentamos uma perfeita gratidão como requisito da oração crente.

Ao orar devemos lembrar três coisas: *o amor de Deus* que sempre procura e deseja o melhor para nós; *a sabedoria de Deus*, única que conhece o que é melhor; *o poder de Deus*, que só permite que aconteça o melhor. Aquele que ora com fé perfeita e confiança no amor, a sabedoria e o poder de Deus chegará a gostar de sua paz.

Como resultado da oração de fé a paz de Deus permanece em nossos corações como uma sentinela em guarda. O termo que Paulo usa (*trourein*) é o termo militar para estar *em guarda*. A paz de Deus — diz Paulo — *ultrapassa todo entendimento*. Isto não significa que a paz de Deus seja um mistério de tal índole que a mente humana não possa entendê-la, o que também é verdade, significa que a paz de Deus é tão preciosa que o entendimento humano com toda sua habilidade, conhecimento e penetração jamais pode inventá-la, encontrá-la ou produzi-la. Está absoluta e inteiramente mais além de toda capacidade do homem de obtê-la por si mesmo. Esta paz nunca pode ser um produto humano, é só um dom de Deus. O caminho rumo à paz é levar tudo o

que é nosso e a todos os que queremos para depositá-los confidencialmente nas mãos de Deus mediante a oração.

## VERDADEIROS TERRENOS DA MENTE

### Filipenses 4:8-9

A mente humana posa sempre em algum objeto; Paulo queria assegurar-se de que os filipenses colocassem suas mentes nas coisas devidas. Isto é de suma importância. É uma lei da vida que se um homem pensar em algo com frequência ou persistência chegará um momento em que não poderá deixar de pensar nisso; seus pensamentos correrão como sobre trilhos. Por esta razão é da máxima importância que o homem pense em coisas dignas. Paulo elabora aqui uma lista dessas coisas dignas nas quais o homem pode posar sua mente.

(1) *Tudo o que é verdadeiro*. Neste mundo há muitas coisas enganosas e ilusórias; prometem o que jamais podem realizar; oferecem ao homem uma paz enganosa e uma felicidade que de fato jamais podem procurar. O homem deve colocar sempre seus pensamentos nas coisas em que pode confiar, que não lhe têm que falhar nem conduzi-lo ao fracasso.

(2) *Tudo o que é honesto* (RC). A RA diz *tudo o que é respeitável*; a Tradução Brasileira, *tudo o que é venerável*; a Nova Versão Internacional, *tudo o que for nobre*. Pelo que se percebe, estamos diante de um termo difícil de traduzir. A palavra grega é *somnos* que se aplica especificamente aos deuses e seus templos. Quando aplicado ao homem descreve a alguém que, como tem-se dito, move-se dentro do mundo como se todo este fosse o templo de Deus. Matthew Arnold sugeriu a tradução *nobrememente sério* mas o termo descreve em realidade *ao que tem em si a dignidade e a santidade*. Neste mundo há coisas corriqueiras, baratas e atrativas às mentes superficiais; o cristão deve posar sua mente nas que são profundas, sérias e dignas.

(3) *Tudo o que é justo.* O termo grego *dikaios* define o homem justo: aquele que dá aos deuses e aos homens o que lhes deve. Em outras palavras, *dikaios* é a palavra do *dever assumido* e do *dever realizado*. Há aqueles que colocam a mente e o pensamento no prazer, na comodidade, nas coisas e nos métodos fáceis; o cristão pensa no dever para com o homem e no dever para com Deus.

(4) *Tudo o que é puro.* A palavra *agnós* descreve o que é moralmente puro e livre de manchas. Ritualmente descreve algo purificado de tal maneira que se torna apto para ser devotado a Deus e usado em seu serviço. O mundo está cheio de coisas vis, ruins, sujas e obscenas. Muitos homens vivem em tal estado mental que mancham tudo aquilo em que pensam. A mente do cristão se posa no que é puro; seus pensamentos são tão limpos que podem ser esquadrihados por Deus.

(5) *Tudo o que é amável.* Moffatt tem *atrativas* mas a melhor tradução é *agradáveis*. A palavra grega *profiles* pode parafrasear-se com a frase *o que suscita amor*. Alguns maquinam mentalmente a vingança e o castigo despertando a amargura e o medo em outros. Há outros cujas mentes estão tão dadas a criticar e censurar que suscitam ressentimentos. O cristão coloca sua mente em coisas amáveis — bondade, simpatia, paciência, amor — de tal maneira que se faz agradável e ver um cristão significa amá-lo.

(6) *Tudo o que é de boa fama.* (Bíblia de Jerusalém, *honroso*). Não é fácil desentranhar o significado da palavra. Literalmente significa *falar favoravelmente* mas tem uma vinculação particular com o silêncio santo no começo do sacrifício que se oferece em presença dos deuses. Não se vai muito longe quando se diz que descreve *as coisas adaptadas para serem ouvidas por Deus*. No mundo há muitas palavras baixas, falsas e impuras. Nos lábios do cristão e em sua mente existem só as palavras que são adaptadas para serem ouvidas por Deus.

(7) Paulo continua: *se alguma virtude há.* Trata-se do grego *arete*. O fato insólito é que *arete* era uma das importantes palavras clássicas

que com freqüência Paulo trata deliberadamente de evitar. Esta é a única vez que ocorre em seus escritos. No pensamento clássico descreve todo tipo de excelência; a excelência de um terreno, a de uma ferramenta, a de um animal, a valentia de um soldado, a virtude do homem. Lightfoot sugere que com esta palavra Paulo apela à ajuda de tudo o que era excelente no fundo pagão de seus amigos. É como se dissesse: "Se a antiga idéia pagã da excelência, em que foram educados, tem alguma influência em vocês, nisso pensem; pensem nas verdadeiras grandezas de sua vida passada para lhes incitar a novas alturas na vida cristã". O mundo tem suas impurezas e degradações mas também sua nobreza e cavalheirismo. O cristão pensa nas coisas nobres.

(8) Finalmente Paulo diz em sua lista: *se algum louvor existe*. Em certo sentido é verdade que o cristão jamais pensa no louvor dos homens. Mas em outro sentido também é verdade que cada homem é movido e animado pelo louvor dos homens bons. Assim, pois, Paulo diz que o cristão tem que viver de tal maneira que não deseje vaidosamente nem despreze neciamente um louvor humano desejável em si.

## O VERDADEIRO ENSINO E O VERDADEIRO DEUS

### Filipenses 4:8-9 (continuação)

Aqui Paulo traça as linhas da verdadeira doutrina.

Fala das coisas que os filipenses tinham *aprendido*. Estas eram as coisas em que ele mesmo os tinha instruído; sua pessoal interpretação do evangelho e sua verdade. Paulo fala das coisas que os filipenses receberam usando o termo *paralambanein* que significa especificamente aceitar e receber uma tradição fixa. Isto se refere à doutrina e ensino aceitos na Igreja e que lhes tinham sido transmitidas por Paulo. De ambas as afirmações aprendemos que o ensino consiste em duas coisas: em transmitir aos homens o corpo aceito de verdades e a doutrina que toda a Igreja mantém; em iluminar esse corpo de doutrina com a interpretação e instrução pessoais do mestre. Se temos que ensinar ou

pregar devemos conhecer o corpo de doutrina aceito pela Igreja; logo devemos passá-lo através de nossas mentes e transmiti-lo a outros, tanto em sua própria simplicidade como nos significados que alcançou em nossa própria experiência e pensamento.

Mas Paulo vai ainda mais além. Diz aos filipenses que copiem o que viram e ouvirem nele. É na verdade trágico que poucos mestres e pregadores possam falar desta maneira. Entretanto, o certo é que o exemplo pessoal é parte essencial do ensino. O mestre deve praticar a doutrina que professa, e demonstrar pela ação a verdade que expressa em palavras.

Finalmente, nesta seção Paulo diz a seus amigos filipenses que, se fizerem tudo isto fielmente, terão com eles o Deus de paz. É de sumo interesse deter-se nos títulos que Paulo dá a Deus.

(1) Para Paulo Deus é *o Deus da paz*. Em realidade trata-se de um título favorito (Rom. 16:20; 1 Coríntios 14:33; 1 Tessalonicenses 5:23). Para o judeu a paz não só tinha um significado negativo; não consistia só na ausência de conflitos; a paz era tudo aquilo que fazia o bem supremo do homem. Só na amizade com Deus o homem pode encontrar o verdadeiro significado que a vida possui. Mas também para o judeu esta paz derivava necessariamente em *relações corretas*. Só pela graça de Deus podemos entrar numa devida relação com Deus e com nossos semelhantes. O Deus da paz é o Deus *capaz* de fazer com que a vida seja o que está destinada a ser, capacitando-nos a entrar com relação a ele e com nossos semelhantes.

(2) Para Paulo, Deus era o *Deus da esperança* (Romanos 15:13). A fé em Deus é a única coisa que pode preservar o homem de um desespero inevitável. Só o sentido da graça de Deus pode fazer com que o homem não se desespere de si mesmo; só o sentido de uma providência divina que tudo governa pode evitar que o homem se desespere do mundo. O salmista cantava: “Por que estás abatida, ó minha alma? ... Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu” (Salmo 42:11; 43:5).



A esperança do cristão é indestrutível porque se funda num Deus eterno.

(3) Para Paulo Deus é o Deus *da paciência, da misericórdia e da consolação* (Romanos 15:5; 2 Coríntios 1:3; tanto *consolação* como *misericórdia* são traduções da mesma palavra grega *paraklesis*). Estamos diante de dois termos importantes. Paciência em grego é *hypomone* que nunca significa simplesmente agüentar sentados mas sim a capacidade para levantar-se e superar os acontecimentos; não significa aceitar simplesmente mas sim fazer com que os acontecimentos se permutem em glória. Deus é um Deus que nos dá o poder de usar toda experiência e situação da vida para obter grandeza e poder; Deus é um Deus em quem aprendemos a usar a alegria e a tristeza, o êxito e o fracasso, o lucro e a desilusão para enriquecer e enobrecer a vida, para nos fazer mais úteis a outros e nos aproximar mais a Deus.

*Paraklesis* é muito mais que uma simpatia consoladora, é inspirar ânimo. Não só é uma ajuda; não consiste em abraçar a um homem para consolá-lo, mas em capacitá-lo para enfrentar ao mundo; não só enxuga as lágrimas de seus olhos mas também o faz capaz de ir impertérrito ao encontro do mundo. *Paraklesis* é a combinação de consolação e fortaleza. Deus é um Deus em quem toda situação deriva em glória e em quem o homem encontra fortaleza para ir denodadamente adiante mesmo quando a vida falhou.

(4) Deus é um *Deus de amor e de paz* (2 Coríntios 13:11). Aqui estamos na medula do assunto. Atrás de cada coisa encontra-se o amor de Deus; um amor que jamais nos deixa sozinhos, que carrega todos os nossos pecados, que jamais nos despreza, que jamais debilita sentimentalmente mas sim sempre fortalece vitalmente o homem para a batalha e o combate da vida.

Paz, esperança, paciência, consolação, amor — tudo isto é o que Paulo tinha encontrado em Deus. Sem dúvida "nossa competição provém de Deus" (2 Coríntios 3:5).

---

**O SEGREDO DO VERDADEIRO CONTENTAMENTO****Filipenses 4:10-13**

Ao aproximar-se do final da Carta Paulo expressa vivamente sua gratidão pelo donativo que os filipenses lhe tinham enviado. Sabia que ele sempre estava plenamente na mente, nos corações e nos pensamentos de seus fiéis mas as circunstâncias não lhe tinham dado até agora a oportunidade de expressá-lo.

Não é que estivesse insatisfeito com sua situação; já que tinha aprendido a desfrutar o dom do *contentamento*. Neste lugar Paulo usa uma das palavras importantes da ética pagã. Diz que aprendeu a ser *autarkes*, quer dizer, *inteiramente auto-suficiente*. Esta *autarkeia* (auto-suficiência) era a maior aspiração da ética estóica. Para os estóicos *autarkeia* significava uma situação espiritual em que o homem era absoluta e inteiramente independente de tudo e de todos; um estado em que o homem aprendia por si mesmo a não necessitar de nada nem de ninguém.

Os estóicos propunham alcançar este estado mediante certa trajetória mental.

(1) Eliminando todo desejo. Os estóicos pensavam com razão que o contentamento não consistia em possuir muitas coisas, mas em desejar pouco. "Se querem fazer feliz a um homem", diziam, "não adicionem nada a suas posses, mas sim reduzam seus desejos." Quando certa vez perguntou-se a Sócrates quem era o homem mais rico do mundo respondeu: "Aquele que está contente com pouco, porque a *autarkeia* (a auto-suficiência) é a riqueza da natureza". Os estóicos criam que o único caminho ao contentamento era a abolição de todo desejo até chegar um estado em que nada nem ninguém fosse essencial.

(2) Os estóicos propunham eliminar toda emoção e sentimento até o ponto que qualquer coisa que acontecia, seja com respeito à própria pessoa seja em relação a outros, não lhes causava nenhuma preocupação.

Epicteto dizia: "Comece com uma taça ou algum utensílio caseiro; se se rompe diga: 'não tem importância'. Continue com um cavalo ou um cão mulherengo; se algo lhe ocorre diga: 'não tem importância'. Continue consigo mesmo e se é ferido ou prejudicado de algum modo diga: 'não tem importância'."

Se for o necessariamente longe e se for suficientemente duro, chegará a um estágio em que poderá contemplar o sofrimento e a morte da pessoa mais próxima e querida dizendo ao mesmo tempo: 'não tem importância'. A aspiração dos estóicos consistia em abolir todo sentimento e emoção do coração humano.

(3) Como se chega a realizar isto? Por um deliberado ato de vontade por aquele que em tudo vê a vontade de Deus. O estóico cria no pé da letra que nada podia acontecer a ele ou a algum outro, que não fosse a vontade de Deus. Por doloroso e desastroso que fosse, era a vontade de Deus. Por esta razão era inútil querer lutar contra; um homem deve fortalecer-se para aceitar tudo.

A fim de obter o contentamento, o estóico abolia todo desejo e eliminava toda emoção. O amor era desarraigado da vida e estava proibida toda preocupação. Como disse T. R. Glover: "Os estóicos faziam do coração um deserto e chamavam a isto paz".

Vemos imediatamente a diferença entre os estóicos e Paulo. O estóico dizia: "Aprenderei o contentamento por um ato deliberado de minha própria vontade"; Paulo pelo contrário: "Tudo posso em Cristo que me fortalece". Para o estóico o contentamento era uma realização humana; para Paulo um dom divino. O estóico era *auto-suficiente*; Paulo encontrava sua *suficiência em Deus*. O estoicismo fracassou porque era desumano; o cristianismo triunfou porque tinha suas raízes no divino. Paulo podia enfrentar qualquer situação, podia carecer de tudo e ao mesmo tempo possuir tudo; tudo estava bem porque em todo acontecimento possuía a Jesus Cristo. O homem que caminha com Cristo e vive nEle pode enfrentar qualquer situação.

---

**O VALOR DO DONATIVO****Filipenses 4:14-20**

A generosidade para com Paulo da Igreja filipense tinha já uma longa trajetória. Em Atos 16 e 17 lemos como Paulo pregou o Evangelho em Filipos e partiu dali a Tessalônica e Beréia. Desde essa época a Igreja filipense demonstrou virtualmente seu grande amor ao apóstolo. A relação de Paulo com os filipenses era única. De nenhuma outra Igreja tinha aceito jamais algum donativo ou ajuda. Esta era precisamente a circunstância que irritava e zangava aos coríntios (2 Coríntios 11:7-12). O laço entre Paulo e os filipenses não se dava com nenhuma outra Igreja.

Paulo diz logo algo muito delicado. Diz: "Não é que deseje um donativo ou um presente de sua parte por mim, ainda que seus dons toquem meu coração e me dêem muita alegria. Não necessito nada porque tenho mais que suficiente. Mas me alegro por vocês mesmos por seu donativo porque sua bondade, solicitude e generosidade pesarão enormemente a seu favor na presença de Deus". A generosidade dos filipenses alegra a Paulo não por razão de si mesmo, mas por motivo deles. Logo o apóstolo usa palavras que fazem do dom dos filipenses não um presente para Paulo, mas sim um sacrifício para Deus. Chama-o "aroma fragrante". Esta frase era comum no Antigo Testamento para um sacrifício aceito e bem visto por Deus. É como se o aroma do sacrifício fosse agradável ao olfato de Deus (Gênesis 8:21; Levítico 1:9,13,17). A alegria de Paulo no dom não está no que este significava para ele, mas no que significava para eles. Não é que não apreciasse o valor do dom a seu favor, nem desprezasse o que eles tinham feito por ele; citava sua maior alegria em que o dom da Igreja dos filipenses e o amor que o tinha inspirado eram agradáveis a Deus.

Na última sentença Paulo diz que nenhuma dádiva faz mais pobre ao doador. A riqueza divina está aberta para os que amam a Deus e ao próximo. O doador não se faz mais pobre, mas sim mais rico, porque seu próprio dom o abre aos dons e às riquezas de Deus.

---

**SAUDAÇÕES****Filipenses 4:21-23**

Desta maneira a Carta chega a seu fim com as saudações habituais. Nesta última seção há uma frase extremamente interessante. Paulo envia saudações especiais dos irmãos cristãos que estão *na casa de César*. É importante indagar o sentido correto desta frase. Não se trata dos familiares pessoais de César, de seus parentes e próximos. A casa de César é a frase ordinária para o que nós chamaríamos o serviço civil imperial. Por todo mundo se encontravam os membros da casa de César: os oficiais de palácio, os secretários, os que tinham a seu cargo as rendas públicas imperiais, os responsáveis pela administração diária do império, em síntese, a imensa quantidade de pessoal que chamaríamos o serviço civil, eram a casa do César.

É do maior interesse advertir que desde esta época tão primitiva o cristianismo conseguiu penetrar no próprio centro do governo romano; também entre os que governavam e administravam o império romano havia cristãos. Dificilmente exista uma frase que mostre melhor como o cristianismo se infiltrou até nas posições mais altas do império. Faltavam ainda trezentos anos para que o cristianismo chegasse a ser a religião do império, mas já podiam vislumbrar os primeiros sinais do triunfo definitivo de Cristo. O carpinteiro crucificado da Galiléia já começava a governar sobre aqueles que conduziam o império maior do mundo.

E assim a Carta termina: “A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito”. Os filipenses tinham enviado a Paulo seus dons. Paulo só tem um dom com que gratificá-los: sua bênção. Mas, que maior dom podemos oferecer a alguém que lembrá-lo em nossas orações?